

Conceituando Fundamentalismo e as três Ondas Islamistas, segundo Peter Robert Demant. PARTE II.

Graduando: Vitor Reis de Melo.

1

Resumo:

Esta segunda parte do artigo tem como objetivo nos fazer entender as três Ondas. A principal obra ainda é O Mundo Mulçumano de Peter Robert Demant. Cada Movimento teve a sua proporção – são totalmente díspares. Seus pontos principais são As três ondas do Fundamentalismo Mulçumano; A Primeira onda Fundamentalista (1967-1981): O Egito de QUTB e o *jihad* sunita; A influência de MAWDUDI; A ideologia de SAYYID QUTB; O EGITO entre o terror jihadista e a acomodação islamizante; A Primeira onda do *jihad* no mundo sunita; A Segunda onda (OS ANOS 1980): O Interlúdio xiita; Quem são os XIITAS? A Pérsia histórica entre Xiismo e modernização; O último XÁ: modernização forçada contra a oposição Xiita Popular; A Revolução Islâmica; a República Islâmica; O impacto Internacional da Revolução Iraniana; Hezbollah; Os Xiitas do Iraque; A Terceira onda islamista (1991-2001): O Islamismo contra o Islã; As Sete marcas do Fundamentalismo atual; O contra-exemplo da Argélia; O contra-exemplo da Turquia; A islamização da esfera social. Não abri mão dos citados na primeira parte do artigo autores como: Nicola Abbagnano; Norberto Bobbio; Dan Cohn-Sherbock; Dawoud EL-Alami; Andrew Heywood; Eric Hobsbawm; Albert Habib Hourani; Kalina Vanderlei Silva; Maciel Henrique Silva; Ali A. Mazui; Christopher Wodji e Paulo Fagundes Viçentini. Principalmente, para esclarecer alguns conceitos, que não seria o suficiente simplesmente usarmos no universo de História. Procuramos manter até os subtítulos para que no artigo venhamos e interpretar da melhor maneira possível, e sem cometermos equívocos orientalistas e preconceitos ocidentalistas.

Summary:

This second part of the article aims to make us understand the three waves. The main work is still the Muslim World of Robert Peter Demant. Each movement had its proportion - are totally different. Its main points are the three waves of Fundamentalism Muslim; The First Wave Fundamentalist (1967-1981): The Egypt QUTB and Sunni jihad; The influence of Mawdudi; The ideology of Sayyid Qutb; EGYPT between jihadist terror and islamizante accommodation; The first wave of jihad in the Sunni world; The Second Wave (YEAR 1980): The Shiite Interlude; Who are Shiites? The historic Persia between Shiism and modernization; The last XA: modernization forced against the Shi'ite opposition Popular; The Islamic Revolution; the Islamic Republic; The international impact of the Iranian Revolution; Hezbollah; The Shiites of Iraq; The Third Wave Islamist (1991-2001): Islam against Islam; Seven marks the current Fundamentalism; The counterexample of Algeria; The counterexample of Turkey; The Islamization of the social sphere. I do not open the hand mentioned in the first part of the article authors as: Nicola Abbagnano; Norberto Bobbio; Dan Cohn-Sherbock; Dawoud El-Alami; Andrew Heywood; Eric Hobsbawm; Albert Habib Hourani; Kalina Vanderlei Silva; Maciel Henrique Silva; Ali A. Mazui; Christopher Wodji and Paul Fagundes Vizontini. Mainly to clarify some concepts, which would be enough simply do not use the history of the universe. We try to keep up the subtitles so that the article we come and play in the best possible way, without committing orientalist misconceptions and prejudices Occidentalists.

As três ondas do fundamentalismo muçulmano.

A condição necessária para o surgimento do Fundamentalismo Muçulmano é o desarranjo nacional que abre uma brecha para o crescimento dessa ideologia. Segundo Peter Robert Demant:

Enquanto a Turquia seguiu seu próprio caminho, a impotência dos regimes árabes nacionalistas frente a Israel em 1967, a incapacidade coletiva da política interárabe em lidar com a guerra civil no Líbano, o desgaste dos recursos petrolíferos e a decadência da opção pan-arabista na guerra Irã-Iraque acabaram minando a legitimidade do modelo nacional desenvolvimentista estadista. Desde essas derrotas consecutivas – morais tanto quanto políticas e militares – o mundo árabe se encontra numa crise que se aprofunda ano a ano. É na fenda dessa crise que surgiu o islamismo, ou seja, o fundamentalismo muçulmano (DEMANT, 2004, 432 p.).

O Fundamentalismo Islâmico segundo Peter Robert Demant:

O islamismo é uma ideologia política antimoderna, antissecularista e antiocidental, cujo projeto é converter o indivíduo para que se torne um muçulmano religioso observante, é transformar a sociedade formalmente muçulmana em uma comunidade religiosa voltada ao serviço a Deus e estabelecer o reino de Deus em toda a Terra. A tendência fundamentalista é provavelmente a vertente predominante no islã atual. É, todavia, um fenômeno recente, cuja forma atual se desenvolveu só nas últimas décadas, em reação à modernização globalizante –no Oriente Médio em particular (DEMANT, 2004, 432-33 p.).

Segundo Demant, o estabelecimento dessa ideologia só ocorre nas décadas de 1950-60. Pelo viés Sunita, o canal disso o Paquistão Abu-al-Ala Mawdudi e o egípcio Sayyid Qutb¹. No Xiismo, o ideólogo é o Aiatolá do Irã Ruhollah Khomeini². O Fundamentalismo teve três gerações notáveis, e distintas. Nos anos 1970-80 é o Período de Crescimento e maturação. Nos anos de 1980 é o ápice do Movimento com os seguintes eventos: a Revolução Iraniana; o assassinato do Egípcio Sadat; o surgimento do Hezbollah no Líbano se localiza no Mundo Muçulmano Xiita. A Partir dos anos 1990 é a Terceira Onda; é a internacionalização do Movimento, é a Globalização do Movimento, que é o seu principal adjetivo. A sua área de atuação é o Mundo.

o fundamentalismo se expandiu na esteira da Guerra do Golfo de 1991, e se tornou um problema de proporções globais com a guerra civil na Argélia, o Hamas nos territórios palestinos, a Guerra da Bósnia, a Guerra da Chechênia, os Talebã no Afeganistão, o terrorismo internacional da al-Qaeda, a emergência de partidos islamistas no Paquistão, nos novos Estados centro-asiáticos emancipados da ex-URSS e na Índia, bem como a recente guerra do Iraque. É certo que estes acontecimentos não são sua última manifestação e que o islamismo continuará nos acompanhando nos próximos anos – se não nas próximas décadas (DEMANT, 2004, 434 p.).

A PRIMEIRA ONDA FUNDAMENTALISTA (1967-1981): O EGITO DE QUTB E OJIHAD SUNITA.

Segundo Peter Robert Demant: “Os principais movimentos fundamentalistas sunitas atuais se inspiram na Irmandade Muçulmana egípcia e no pensamento de seu principal ideólogo, Sayyid Qutb. O lugar ideal para começarmos nossa discussão é, portanto, o Egito” (DEMANT, 2004, 438 p.). O Egito é um dos grandes pilares do Oriente Médio; cerne do Mundo Árabe; um país miserável; com inchaço populacional; são 68 milhões de habitantes e em uma região ribeirinha, de maioria sunita (90%) e minoria Cristã (10%). “Lembremonos de que o Egito caiu sob controle europeu no século XIX, foi palco da primeira revolta nacionalista contra o Ocidente (a rebelião do Coronel Urabi, em

¹“Era um jovem sensível que recebeu uma educação religiosa tradicional, mas também se abriu à cultura secular e trabalhou como inspetor de educação. O momento-chave em sua vida foi uma infeliz estadia de estudos nos EUA entre 1948 e 1951” (DEMANT, 2004, 441 p.).

² Aiatolá; Xiita; líder Espiritual e Político; Liderou a Revolução Iraniana que derrubou a Dinastia Pahlavi

1881), e constitui – com uma tradição escolástica de quase mil anos – um dos centros permanentes do pensamento muçulmano” (DEMANT, 2004, 438-39 p.).

O Reformismo Islâmico foi organizado por Ali Abdu e Ridda. A Irmandade Muçumana até chega a unir-se ao Regime de Oficiais Livres.

Graças à militância de seu movimento nacional, o Egito chegou à independência formal já em 1922. Uma sociedade civil ativa e relativamente liberal se desenvolveu, mas a monarquia egípcia dependia do apoio inglês e se tornou corrupta e ineficaz. Entre as vertentes opositoras do entreguerras, a Irmandade Muçumana ocupou a facção política da direita. Após o assassinato de seu fundador, Banna, ela tomou parte na revolução antimonárquica e antibritânica em 1952, e integrou o novo regime dos Oficiais Livres (DEMANT, 2004, 439 p.).

Todavia, dois anos depois em 1954, se partiu a Aliança Regime-Irmandade, devido, a tentativa de assassinato do Presidente Nasser. A reação de Nasser:

executou alguns líderes e encarcerou outros – entre eles, Sayyid Qutb (1906-1966). O regime nasserista, muito menos liberal do que o monárquico precedente, ganhou popularidade por seu curso nacionalista. Como vimos, ele controlou os preços, iniciou uma distribuição de terras e a industrialização, estimulou o sistema de irrigação do Nilo e, em 1956, nacionalizou o Canal de Suez. Este ato, já sabemos, desencadeou a Guerra de Suez, que o Egito perdeu; mas ao final, Nasser restauraria seu prestígio transformando a derrota militar numa vitória política (DEMANT, 2004, 439-40 p.).

Segundo Peter Robert Demant, o caminho Egípcio é desenvolvimentista estatal; próximo ao socialismo e Radicalmente Pan-Árabista. Isso resulta na perda da Liberdade. Nasser sufocou todas as Instituições Partidárias Políticas e Religiosas por causa da Estabilidade Nacional e a sua sobrevivência. A política de Nasser acaba não dando muito certo.

As tentativas de unificação do mundo árabe não deram certo, o Egito hostilizou o Ocidente e se tornou clientelista da URSS e, em 1967, foi derrotado pela terceira vez numa guerra contra Israel, perdendo novamente a península do Sinai. Esta nova derrota sinalizou a bancarrota do nacionalismo e se tornaria o sinal para uma profunda reorientação ideológica em favor de um projeto alternativo: o islamismo. Qutb, porém, já não viveu esta mudança. Novamente envolvido com o regime numa conspiração contra Nasser, ele morreria enforcado em 1966 (DEMANT, 2004, 440 p.).

Para Demant, Sayyid Qutb é o maior dos ideólogos e pensadores do Fundamentalismo, e condutor do Bandeira Islâmica de Centro, nem Tradicional, nem tão pouco Moderno. O “Ser marginal” (DEMANT, 2004, 441 p.). Era o seu ideal que acabou tendo nas gerações seguintes grandes. O Divisor de águas foi sua experiência na Califórnia – um Cálice Amargo Californiano mui amargo de ser bebido.

Na Califórnia, Qutb se sentiu enojado frente à sexualidade aberta da sociedade ocidental, humilhado pelo racismo não menos explícito (Qutb era pardo) e escandalizado pela simpatia para com o sionismo que ele encontrou por toda

parte. Pode-se especular que sua violenta rejeição dos moldes ocidentais traduz uma ambivalência mais profunda do que ele mesmo teria confessado; mas no final das contas, o que sobra é a recusa absoluta deste modo de viver, que em seus dias foi associado com o Ocidente e hoje com seu prolongamento e ampliação: a globalização (DEMANT, 2004, 441 p.).

Após, o Cálice Amargo Californiano faz Qutb radicalizar. Agora, era um *born-again*³. Integrou-se a Irmandade Mulçumana. É considerado um dos maiores Pensadores; Extremistas e Ativistas do Islamismo. Mesmo, na prisão continuava a ser uma referência para o Movimento.

A INFLUÊNCIA DE MAWDUDI.

Segundo Peter Robert Demant, a maior influência intelectual de Sayyid Qutb foi Abu-al-Ala Mawdudi⁴. Foi o precursor da ideia do Fundamentalismo é Autorreferencial.

o islã é uma fonte que se comprova e se justifica em e por si mesma e que não precisa de evidências externas nem de harmonização com outras ideologias. Ou seja, o Alcorão é verdadeiro porque afirma que é verdadeiro. Como o islã é “perfeito” (já que foi dado por Deus), não precisa uma adaptação. Mawdudi se coloca na tradição do islã indiano, ou seja, de um islã perpetuamente na defensiva. Ele imputa fraqueza política aos muçulmanos não por eles serem religiosos e tradicionalistas demais, mas por não o serem suficientemente (DEMANT, 2004, 443 p.).

Segundo Demant, Mawdudi o Islã é a Religião Padrão Mundial, diante da demais. Não havia concorrência. Estava em um patamar bem acima. O Islã é uma ferramenta de Guerra contra o Ocidente – era só pô-lo em prática. Para Mawdudi rende-se ao modo de pensar Ocidental, era render-se materialmente. “Seu antiocidentalismo é, portanto, total e deriva da sua rejeição ao humanismo, ou seja, a “veneração ao ser humano” que para ele equivale ao *shirk*, ou seja, a atribuir “parceiros” a Deus – o pior pecado. A consequência é a “depravação” do Ocidente, particularmente sexual, rejeição que agradava a Qutb” (DEMANT, 2004, 444 p.). O Literalismo, também é uma das características básicas do Fundamentalismo. O devoto de entender o texto sagrado de maneira literal, sem abrandamento, sem negociação. Para que não haja a corrupção religiosa pelo caminho da corrupção intelectual humana. O Islã, “Idealmente ele não distingue entre o reino espiritual e o temporal” (DEMANT, 2004, 445 p.). Ele destruiria o Reino

³ “Nascido outra vez, termo que se usa nos EUA para protestantes que vivenciam uma reconversão emocional à fé e se tornam fundamentalistas”(DEMANT, 2004, 442 p.).

⁴“(1903-1979), o pensador indiano formado na escola ultraconservadora dos deobandis. Qutb concordava com os cinco princípios que Mawdudi desenvolvera nos anos 40 e 50: a antiapologia, o antiocidentalismo, o literalismo, a politização e o universalismo” (DEMANT, 2004, 443 p.).

Temporal usando o Reino Espiritual. O Islã é um conjunto de sistema cultural eivado de ideologia política.

Já vimos como essa discussão se tornou o cerne do debate entre os muçulmanos indianos. Após a partilha da Índia britânica e a independência do Paquistão, os moderados paquistaneses pretendiam basear seu Estado num islã como identidade cultural. Os radicais os acusavam de não levar a sério as demandas do islã: este, eles exclamavam, não se reduz a uma série de costumes, tradições e valores, mas exige do fiel um compromisso total e exclusivo, e obriga a sociedade a uma organização política acerca de seus preceitos (DEMANT, 2004, 446 p.).

Segundo Abu-al-Ala Mawdudi, O Estado Islâmico seria regido pelo Alcorão, a Legislação é a aplicação da *Sharia*; O Presidente Muçumano devoto; ajudado pelo Conselho chamado *Shura*. Os Não-Muçumanos teriam direitos civis e alguns políticos. O Islã é político para Mawdudi.

Para Mawdudi no Islã tem o Universalismo.

Mawdudi insiste que tudo no islã vale para todos os seres humanos; ele o desnuda de qualquer conotação nacional, étnica ou regional (na mesma linha de pensamento em que ele rejeita igualmente todas as formas locais, místicas, mágicas e “supersticiosas” do islã popular). Como ele tem valor universal, o islã precisa ser imposto a toda a humanidade. Mawdudi declara agressivamente que “explicitamente há para a raça humana inteira só uma maneira de viver que é correta ao olhar de Deus, e isto é al-Islam”. O islã aspira a revirar a terra até o *Jihad* islamizar o mundo inteiro (DEMANT, 2004, 447 p.).

Assim, a partir da Índia a conversão do Mundo seria uma questão de tempo. O alvo era toda a humanidade. “Foi a contragosto que ele se resignou à realidade e aceitou a ideia do Paquistão. Um Estado Nacional para muçulmanos, tal como projetado pelo parcialmente secularista *Jinnah* não condizia com sua visão universalista” (DEMANT, 2004, 448 p.).

A IDEOLOGIA DE SAYYID QUTB.

Segundo Peter Demant:

Qutb incorporou quase toda a interpretação de Mawdudi, mas foi além, aplicando o preceito do *Jihad* à própria sociedade muçulmana. Para Qutb, o contato com a revelação divina providencia ao muçulmano uma experiência interna, não mediatizada, quase poética (e essencialmente intransmissível) do transcendente. A presença de Deus, o Outro absoluto, é como uma irrupção insistente e irresistível: não se discutem as exigências de Deus, elas só são passíveis de uma obediência absoluta. Em comparação com a esfera transcendente, todo o resto é apenas uma tentativa de adaptar o mundo visível-sensual às demandas dessa experiência (DEMANT, 2004, 449 p.).

Qutb é Radicalmente Antiocidental é contra: a dissolução; a blasfêmia; o governo e a Sociedade Ocidental e a Democracia Iluminista⁵ e todos os seus desdobramentos.

Qutb rejeita veementemente essa base: a soberania não pertence ao homem mas só a Deus. Ao homem, mero *makhluq*, criatura (como o resto da criação), não cabe se arrogar mais do que servir a seu Criador. Qutb está ligado aqui a Ibn Hanbal, o pai da escola mais rigorosa da xaria, a hanbalita, que recusa tanto a filosofia especulativa quanto o misticismo: o objetivo do homem não seria conhecer a Deus nem amar a Deus, mas sim servir a Deus. A primeira etapa do pensamento fundamentalista insiste, portanto, na *hakimiyyat Allah*, o governo de Deus (DEMANT, 2004, 450 p.).

Segundo Peter Demant, o modelo de governo ideal foi dado a Maomé. Portanto, para o verdadeiro muçumano não é difícil de entender, e nem tão pouco seguir. Havia, um padrão de Organização Política Nacional e Internacional vinda de uma direção divina; do Alcorão e dos *Hadiths* Verdadeiros.

É possível discutir e discordar sobre sua aplicação, mas não sobre o ponto de partida. Em consequência, os fiéis de hoje devem modelar seu pensamento e suas ações no exemplo dado pelo Profeta e seus companheiros que estabeleceram a primeira e ideal comunidade muçulmana, diretamente inspirada e guiada por Deus. Daí a *salafiyya*, a imitação dos predecessores devotos (*al-salaf al-salih*) da primeira geração. Qutb se alinha a esta *salifiyya*, proferida pela primeira vez por Ridda, e que é a marca dos reformistas islamistas conservadores. Contudo, ele vai além (DEMANT, 2004, 451 p.).

O segundo ponto para Qutb é: “etapa da reflexão de Qutb é a observação de que o mundo está novamente numa *jahiliyya*⁶. A *jahiliyya* era o estado de ignorância e descrença que reinou antes da revelação dada a Maomé” (DEMANT, 2004, 451 p.). Maomé e seus irmãos conseguiram construir uma Sociedade Segundo o Coração de Alá. Em todos os vieses possíveis: político; social; jurídico; familiar e econômico. Segundo Qutb, nem a Sociedade Muçumana era regida realmente pelo Alcorão. “No lugar de rezas e de estudos religiosos, a educação se volta para conhecimento mundanos e ocidentais. No lugar da modéstia e do controle dos impulsos “animais”, há ostentação, luxo e uma vergonhosa exibição de sensualidade” (DEMANT, 2004, 452 p.). O viés político é tão assustador como outros. Por isso, a ideia de um Governo segundo o Alcorão, o

⁵“produto ocidental por excelência, seria o resultado da premissa antropocêntrica errônea do Iluminismo de que o homem pertence a si mesmo. Aquilo que o filósofo alemão modernista Jürgen Habermas chama de “princípio da subjetividade” – que o ser humano é um indivíduo distinto da sua coletividade, dotado da razão crítica que lhe permite conhecer a si mesmo, e que, em função da sua própria natureza enquanto ser humano, ele tem inerentemente o direito à autodeterminação (ou seja, o direito de moldar sua própria vida, sua situação individual e social) – é pedra angular sobre a qual se constrói a modernidade. O livre pensamento, os direitos humanos, a liberdade individual, a soberania do povo – todos estes valores seguem desse princípio” (DEMANT, 2004, 449-50 p.).

⁶“não é uma época histórica, mas um estado mental que se reflete na sociedade” (DEMANT, 2004, 454 p.).

líder teria um Conselho do Islã ao seu lado para auxiliá-lo no Governo; a maioria no Estado seria Muçumana; até que todos os homens da Terra se dobrassem a Deus. Na prática o que acontecia era o contrário.

No lugar disto, via-se um governo opressor que se inspirava em valores estrangeiros tais como a soberania do povo, que adula a nação em vez de Deus, anula a posição dos muçulmanos na sociedade, tornando os infiéis iguais a eles, e abre as portas a uma onda de influências imorais e nefastas. A conclusão, portanto, era inegável: essa sociedade, apesar da maioria se dizer muçulmana, e apesar de algumas aparências residuais de islamicidade, já não é mais islâmica, mas teria recaído numa nova *jahiliyya*. Nestas condições, não surpreende que Deus abandone aqueles que O abandonaram e, por isso, pune os muçulmanos. Daí as humilhações, a pobreza e a vitória de Israel em 1967 contra uma força árabe esmagadoramente maior (DEMANT, 2004, 452-53 p.).

Os Fundamentalistas beberam muito do pensamento e Qutb. Apesar de não testemunhar o caos de 1967. O Sadat é um líder com o pensamento ocidentalizado. Abriu a Nação Egípcia para o dinheiro e controle estrangeiro. “Logo floresceram hotéis, boates, bancos – os “Mc Donalds” da época. A classe abastada se deixou seduzir pelas modas norte-americanas; turistas cheios de dinheiro em minissaias e biquínis chocavam as sensibilidades locais, enquanto a grande maioria sobrevivia na miséria” (DEMANT, 2004, 453 p.). Em 1973 Sadat assinou um tratado de Paz com Israel tendo grandes desdobramentos dentre eles o seu assassinato pela Irmandade Muçumana. “Tudo isso escandalizou milhões de egípcios e outros muçulmanos no mundo, e pareceu comprovar a análise de Qutb: A miséria do mundo muçulmano é o resultado dos muçulmanos terem esquecido Deus” (DEMANT, 2004, 454 p.). O Terceiro Parâmetro do Pensamento Qutbiano, consistia em fundar uma Sociedade baseada no Alcorão.

Ora, a corrupção é tal que a sociedade atual, “pseudoislâmica”, não pode ser reformada simplesmente com o uso da ação educacional e propagandista: a estratégia clássica, “evolucionária” e “reformista” da Irmandade Muçumana claramente fracassara. Para reconstruir a sociedade com base na xaria seria preciso, a partir de então, recorrer a uma nova estratégia. O fundamentalismo radical preconiza neste ponto duas opções: a retirada ou a ação revolucionária (DEMANT, 2004, 454-55 p.).

Segundo Peter Demant, O Fundamentalismo Radical tem dois vieses: o primeiro direciona os “Muçumanos Renascidos” consiste em separar-se das demais Sociedades e construir uma Comunidade segundo o Alcorão, o exemplo seria Maomé.

Tal caminho corresponde à hégira, a migração de isolamento do Profeta, indo de Meca a Medina. Deve-se lembrar que as tentativas de erigir no deserto contra culturas puritanas não eram novas no islã, mas respondem a uma dinâmica que Ibn Khaldun já observara no século XIV. Os wahhabitas na Árabia dos anos 1920 fizeram a mesma coisa. Esperava-se que destes núcleos religiosos surgisse o ímpeto para a transformação de toda a sociedade (DEMANT, 2004, 455 p.).

O Fundamentalismo de Qutb se apóia no segundo caminho. “A segunda via, portanto, é a da militância violenta contra a própria base da sociedade. O compromisso pessoal absoluto e irreversível com a fé conduz o fiel à ação em prol da transformação islâmica: no serviço a Deus, ele é chamado a sacrificar até sua vida, se for necessário, e se tornar *shahid*, testemunha de Deus, ou seja, mártir” (DEMANT, 2004, 455-56 p.). Na prática Qutb convoca os Muçulmanos Renascidos a marcharem contra todos os governos não-islâmicos; não-legal. Apropria-se da ideia de Ibn Taimiyya⁷. Ele testemunhou falsas conversões ou superficiais de Líderes Mongóis no século XIII. Tudo isso não finda a sede deles contra os Árabes. Para Ibn:

Ibn Taimiyya raciocinou, porém, que como os mongóis se aliaram aos xiitas heréticos e não seguiram cuidadosamente a xaria, uma guerra de resistência dos mamelucos (sunitas) contra os mongóis “pseudo muçulmanos” era permissível e constituía uma *jihad*. A tarefa de derrubar o líder apóstata foi transformada de *jihad* coletiva (um dever da comunidade, que contudo pode ser satisfeito por um grupo limitado atuando em nome da comunidade inteira) em *jihad* individual: um dever que cabe a cada um dos fiéis (DEMANT, 2004, 456-57 p.).

Isso só era uma justificativa de Ibn Taimiyya para organizar um motim, caso a liderança não praticasse o Alcorão no Governo. Tornar-se-ia um Tiracínideo (DEMANT, 2004, 457 p.). Ainda assim, Qutb idealizava uma restauração total do Islã.

É interessante notar que, para ele (como para todos os fundamentalistas de qualquer religião), o programa se entende como a volta a uma situação anterior e melhor – a utopia às avessas, encarando o passado. Fundamentalistas não entendem que eles mesmos são fruto da modernidade e, como veremos, usam muitos dos recursos desta modernidade para combatê-la (DEMANT, 2004, 457 p.).

O EGITO ENTRE O TERROR JIHADISTA E AACOMODAÇÃO ISLAMIZANTE.

Segundo Peter Robert Demant, “A repressão nasserista separou os fundamentalistas em dois grupos. A maioria dos Irmãos Muçulmanos abandonou o rumo revolucionário e optou pelo trabalho educacional e político moderado, visando a uma gradual transformação da sociedade no longo prazo” (DEMANT, 2004, 458 p.). Para Hassan

⁷“Este foi um pensador hanbalita extremista profundamente impressionado pelo declínio do islã – ele nasceu poucos anos após o massacre de Bagdá. Ibn Taimiyya atribuiu a fraqueza do islã a uma falta de ortodoxia e a novidades teológicas que só distanciariam o fiel de Deus. Para salvar o islã, era preciso marcar estritamente as fronteiras entre muçulmanos e não muçulmanos, e recusar quaisquer tentativas de aproximação” (DEMANT, 2004, 456 p.).

Hudhaibi⁸, não era função do homem julgar a fé islâmica de outro, isso somente Deus poderia fazê-lo. A minoria seguidora dos ideias de Qutb – “Radicalizou-se” (DEMANT, 2004, 458 p.).

Entre as longas horas de trabalho forçado, a prisão egípcia se tornou a universidade fundamentalista que preparava seus “graduados” para assumir um papel revolucionário. Desde seu martírio, Qutb se tornou o maior guru dos fundamentalistas sunitas. Sua obra mais extremista, *Marcos Miliários (Ma’alim fi al-tariq)*, tem sido leitura obrigatória para gerações de fundamentalistas posteriores (DEMANT, 2004, 458 p.).

No período da Sadat o Egito é: pró-Occidental; pró-EUA; tem abertura econômica. Isso reflete em duas situações: a primeira se isola no Mundo Árabe. E o segundo efeito é o descontentamento da população com esse conjunto de coisas. “Esta conjuntura constituiu um chão fértil para grupos fundamentalistas que se inspiravam em Mawdudi e Qutb, criticavam a posição “covarde” e “comodista” dos Irmãos Muçulmanos e denunciavam os ulemás como oficiais pagos por um regime considerado *jahili*” (DEMANT, 2004, 459 p.). Houve duas atitudes bem díspares dos Pequenos Grupos Fundamentalistas. Alguns saem das Comunidades.

Outros optaram pela ação direta, atacando os alvos simbólicos da influência cultural ocidental “decadente” (bares, boates, bancos, hotéis, cinemas que exibiam filmes com cenas de amor livre), do regime (delegacias) e do pluralismo religioso – em particular, a minoria cristã copta. Em princípio, os islamistas tiveram êxito em mobilizar massas em protestos de ordem econômica. No entanto, mais frequentemente optaram por ações terroristas (DEMANT, 2004, 459 p.).

Segundo Peter Robert Demant, toda essa abertura do governo Egípcio finaliza em Movimentos Fundamentalista Terroristas, “dois se destacaram: a Jama’at Islamiyya⁹, que se tornou Takfir wa-Hijra (Excomunhão e Hégira, cujo líder era Shukri Mustafa), e o Jama’at al-Jihad. Eles tentaram em vão desestabilizar o regime e tomar o poder, provocando muita violência e reações em cadeia. Quase foram bem sucedidos, mas por fim seriam esmagados” (DEMANT, 2004, 459 p.). Nomeio desse caos social, somada a fome. O Grupo Terrorista Takfir wa-Hijra começa a movimentar-se.

o Takfir wa-Hijra sequestrou e assassinou, em 1977, o xeique Muhammad Hussein al-Dhahabi¹⁰, líder muçulmano moderado que não denunciara, de forma enérgica o bastante, as negociações de paz com a “entidade sionista” (forças anti-israelenses extremistas evitam pronunciar o nome odiado do Estado judeu). No ano seguinte, os acordos de Camp David condicionaram a

⁸ Consultor e Advogado da Irmandade; Secretário; Diretor Administrativo. Foi uma referência de jovem religioso.

⁹ Surgiu nos anos de 1960 com uma releitura e desdobramento da Irmandade Muçulmana; Popularmente chamado de: Takfir wa-Hijra; é um grupo Radical Islâmico criador por Shukri Mustafa.

¹⁰ Professor; Historiador; Biógrafo Enciclopedista. Um dos maiores exegetas do Alcorão de todos os tempos.

normalização das relações com Israel à restituição da península ocupada de Sinai e à autonomia para os palestinos. Tanto pan-arabistas seculares quanto islamistas rejeitaram tal acomodação e a denunciaram como traição. Os espíritos se inquietaram ainda mais com a assinatura do acordo de paz em 1979. No mesmo ano, Sadat defendeu a separação entre Estado e religião. A oposição ao regime autoritário foi crescendo, tanto do lado de intelectuais progressistas quanto de fundamentalistas. Paralelamente, a repressão oficial aumentou (DEMANT, 2004, 460 p.).

Segundo Peter Robert Demant a década de 1980 os Movimentos do Terrorismo é direcionado pelo Grupo Jama'at al-Jihad:

Em 1981, ativistas do Jihad cometeram novas atrocidades contra os coptas. Pouco depois, o tenente Khalid Islambouli¹¹ assassinou Sadat durante um desfile militar. Islambouli pertencia ao Jihad, e obtivera o aparente aval do xeique cego Umar Abdul Rahman¹². A cumplicidade do *alim* extremista é, aliás, um caso excepcional: a maioria dos ulemás, bastante dócil, estava sob controle oficial. De qualquer forma, o assassinato provocou uma turbulência política que chocou extremamente a elite egípcia, provocando forte reação (DEMANT, 2004, 460-61 p.).

Hosni Mubarak¹³ é quem sucede Sadat. Ele movimenta os militares contra o Grupo Terrorista Jama'at al-Jihad. Todavia, não tem força contra os “Levantes Islâmicos” (DEMANT, 2004, 461 p.), que ocorre no Sul do Egito, em Asyut. No Egito Meridional as coisas são um pouco diferente para o Governo. Ele tem uma oposição maior e mais concentrada em um espaço. As ideias aglutinam-se.

O Egito meridional contava com as maiores concentrações tanto de fundamentalistas muçulmanos quanto de coptas. Islambouli, o assassino de Sadat, Muhammad Abdul Salam Faraj¹⁴, o ideólogo do movimento, e alguns de seus colegas foram executados; outros foram condenados a penas de prisão. Abdul Rahman, após sua libertação, migrou para os EUA. Ali fez parte da conspiração, em 1993, do primeiro ataque – fracassado – para explodir o *World Trade Center*, as torres gêmeas de Nova York (DEMANT, 2004, 461 p.).

Agora, dos anos de 1990 em diante são sucessivas tentativas de não deixar o Governo de Mubarak ser tranquilo. Pois, Mubarak é pró-Sadat menos radical. O Egito nesse momento não se encontra tão firme, ele navega entre, a busca da construção de uma Identidade Árabe e sua História Milenar. Isso também é fruto do seu descontentamento com o Pan-Árabismo de Nasser.

Sob o governo de Mubarak, o ponteiro apontou para uma reintegração no mundo árabe, até achar o ponto de equilíbrio entre ambas as orientações. Por outro lado, a liberalização econômica e a dependência militar e de exportações alimentícias dos EUA só se aprofundou. As reformas impopulares que o FMI (Fundo Monetário Internacional) impôs ao Egito para controlar sua dí-

¹¹ Oficial egípcio, e assassino do Presidente Anwar Sadat.

¹² Popularmente conhecido como o Xeique-cego; Egípcio Muçulmano; líder Islâmico do Grupo Gama al-Islamyia. Cumpri até hoje prisão perpétua nos EUA como um dos teóricos do ataque ao WTC.

¹³ Militar. Político Egípcio e Ex-Presidente.

¹⁴ Radical Islâmico; Teórico; Ativista Egípcio; Coordenado do assassinato de Sadat;

vida externa provocaram protestos violentos, que grupos fundamentalistas não deixaram de explorar. Em 1986, até as próprias tropas do regime se rebelaram e depredaram boates em Giza. A participação egípcia em 1991 na guerra de Kuwait junto aos EUA, por sua vez, não foi bem recebida pela população (DEMANT, 2004, 462 p.).

Segundo Peter Robert Demant, a década de 1990 o Regime Murabakiano continua sofrendo oposição.

Nos anos seguintes, o regime aturou novos ataques – sendo que a agressão se direcionou contra símbolos da liberdade de pensamento. Em 1992, foi assassinado Farag Fodah¹⁵, autor secularista. Naguib Mahfouz¹⁶, romancista e prêmio Nobel favorável à paz com Israel, quase sofreu a mesma sorte. No mesmo ano, Al-Jama'a al-Islamiyya estabeleceu uma efêmera república islâmica no bairro Imbaba de Cairo, que foi esmagada em sangue. Coptas também se tornaram cada vez mais alvo de ataques. Contudo, a estratégia islamista de desestabilização mais brutal – e potencialmente mais eficaz – foi de atingir o turismo, uma das principais fontes de renda num país cujo PIB *per capita* é apenas um terço do brasileiro. Além disto, os turistas representam a expressão visível da invasão cultural associada ao Ocidente (DEMANT, 2004, 462-63 p.).

O Ano de 1996 foi marcado pelo por um evento em Luxor. Fundamentalistas abriram fogo contra civis, e morrendo dezoito pessoas. Em 1997 é repetido o mesmo evento, só que agora morrem 60 pessoas – do mesmo perfil: civis e inocentes. Esse atentado gera uma divisão interna do Movimento Fundamentalista, nem todos concordaram com esses atentados. “No olhar dos perpetradores, porém, esta inocência das vítimas não existe e não poderia existir: as próprias leis islâmicas proíbem fazer mal a inocentes e contêm uma cadeia de recomendações para proteger pessoas vulneráveis” (DEMANT, 2004, 463 p.). Ainda que, o Islã tenha ajuda política, não a régua que posso medi-lo.

é claro que ele vai muito além dos próprios membros dos partidos extremistas, e mesmo da Irmandade Muçulmana. O *slogan* “O islã é a solução” se torna cada vez mais popular, na medida em que crescem os problemas e a frustração. O Egito vive, como a maioria dos outros países muçulmanos, uma clara volta à religiosidade individual e ao conservadorismo, que se observa mais nitidamente no número de homens barbudos e na mudança das vestimentas femininas. Cada vez menos se usam as roupas tradicionais e os vestidos ocidentais, considerados descobertos demais, e se vê mais o típico “uniforme” fundamentalista sunita: o véu branco e o casaco cinza ou marrom que cobre o corpo inteiro e dissimula suas formas, deixando visíveis somente o rosto (sem maquiagem) e as mãos (sem esmalte) (DEMANT, 2004, 464 p.).

Segundo Peter Demant, Hosni Mubarak vai fazer contra-ofensiva aos Movimentos Terrorista de duas formas. É repressor; é Exterminador. Todo esse Movimento do

¹⁵ Escritos; Professor; Ativista dos Direitos Humanos e Colunista.

¹⁶ PHD em Ciência Política. Especializado em Oriente Médio.

governo é contra os Núcleos Fundamentalistas. Vive momento de Paz com Israel toleravelmente suportável.

O regime de Mubarak, autoritário sem ser exatamente ditatorial, tenta assim frear o impulso fundamentalista. O regime sobrevive, precariamente, graças a uma combinação de repressão, clientelismo e de vagarosa “desliberalização” cultural. Esta última, provavelmente, é bastante popular para boa parte dos habitantes, embora atinja progressivamente os direitos humanos tais como estes são entendidos no Ocidente (DEMANT, 2004, 465 p.).

A PRIMEIRA ONDA DO JIHAD NO MUNDOSUNITA.

Segundo Peter Demant: “Dedicamos as páginas anteriores ao caso do Egito não somente por ele constituir o centro de gravidade árabe, mas também porque a primeira onda fundamentalista a sacudir o mundo muçulmano ali teve suas origens e se expressou mais afirmativamente” (DEMANT, 2004, 466 p.). O modo em que se encontrava a Síria era difícil: complexa; emoldurada por Ditaduras Nacionalista; disfarçada pelo Governo a sua heterogeneidade.

A Síria, ao contrário do Egito, é uma sociedade extremamente fragmentada, em pelo menos três eixos: etnicamente, entre árabes, curdos e outras etnias; economicamente, entre cidadãos e camponeses; e religiosamente, entre sunitas, concentrados na classe média das cidades e uma variedade de outras seitas mais fortemente presentes no campo rural: druzos, uma abundância de Igrejas cristãs, ismailitas e outros. Particularmente interessantes são os cerca de um milhão de *alawitas* ou *nusairis*, seita xiita extremista cuja religião é secreta, mas que está tão longe da ortodoxia que os sunitas não os consideram como muçulmanos (DEMANT, 2004, 468 p.).

O fragmento social e religiosos, só toma destaque com Bashar al-Asad¹⁷. Ele não chega ao poder sozinho. Traz consigo parte da Elite integrante do Ba’ath da Síria são *alawitas*¹⁸. Os detalhes devem ser desfragmentados. “o regime *alawita* se esconde, porém, atrás um véu de pan-arabismo meramente formal. Este pan-arabismo particularmente adequado, pois a Síria carece de claras fronteiras ou de uma identidade histórica própria. Do ponto de vista sírio, o Líbano, a Jordânia e a Palestina fazem parte da Grã-Síria” (DEMANT, 2004, 468-69 p.). A partir de 1943, quando corre a Independência Síria, a Sociedade se resume em: Sunita; Urbano e Rico integrado a Irmandade. E Camponês; pobre; de diversas; mobilizados pelo Ba’ath.

Como nenhum grupo possuía a maioria e seus interesses eram diametralmente opostos, o partido no poder fazia uso cada vez mais da repressão. Nos anos 1960, a emergência dos ba’athistas, que iniciaram programas economicamente progressistas e preconizaram a secularização, prejudicou a burguesia

¹⁷ Atual político da Síria, e Secretário do Partido Ba’ath.

¹⁸ “o secularismo do programa ba’athista os atraía, e devido aos privilégios dado a eles pelos franceses, logo controlaram as alavancas para a tomada de poder, o que aconteceu em 1966. Tal situação continua até nossos dias” (DEMANT, 2004, 468 p.).

sunita. Os Irmãos Muçulmanos, que (ao contrário do Egito) não dispunham de nenhuma “válvula de segurança” parlamentar, radicalizaram-se e começaram a conclamar um Estado islâmico (DEMANT, 2004, 469 p.).

O Pai de Bashar al-Asad, dá um Golpe em 1970. Seu nome é Hafiz al-Asad¹⁹ governo nos moldes de Sadat. As coisas acabaram se acalmando. Todavia, no Líbano, o molde dos acontecimentos foram outros. “Os Irmãos Muçulmanos, então, decidiram lançar um *jihad*. Seguiram-se atos terroristas e massacres mútuos, e no final dos anos 1970 a polarização alcançara o próprio exército, ameaçando o regime” (DEMANT, 2004, 470 p.). Os anos de 1980 são marcados por uma chacina. Cerca de 80 Irmãos, que estavam presos em Tadmur, Palmyra – são executados. E acontece o efeito inverso, e ferve a oposição.

em 1982, um levante nas cidades parecia ser a preparação de uma revolução para estabelecer o Estado islâmico. A sorte de Asad foi que em Damasco, centro nevrálgico do regime, os comerciantes sunitas não se deixaram atrair para a greve. A revolta se concentrou na cidade de Hama – o norte da Síria tem sido sempre mais radical – e foi esmagada às custas de vinte mil mortos. Este episódio quebrou a coluna vertebral da Irmandade Muçulmana, mas pouco acrescentou à legitimidade de Asad (DEMANT, 2004, 470 p.).

Segundo Peter Demant, nesse jogo, a partir dos anos de 1980 entra outro jogador importante. Os sobreviventes islamistas, devido, a necessidade buscam ajuda de fora. Daí entra no Campo de Batalha o novo jogador.

Então veio Saddam Hussein (que liderava no Iraque um regime secular ba'athista “irmão”, mas estava envolvido numa “briga de família” com os ba'athistas sírios) oferecer apoio aos islamistas da Síria. Muitos ficaram tentados; outros recusaram a oferta, já que o regime iraquiano travava uma guerra contra o Irã, onde o regime islamista xiita de Khomeini havia sido implantado em 1979. Para complicar o quadro, o Irã islamista e a Síria secularista, ambos movidos pelo medo do Iraque, também cultivaram entre si uma aliança aparentemente antinatural (DEMANT, 2004, 471 p.).

Essa celeuma ideológica não chegou aos Campos de Batalha Fundamentalista da Síria. Hafiz al-Asad estabilizou toda a situação. “A supremacia do regime Ba'ath se manteve na Síria: a suave sucessão de Bashar, em 2000, ilustra sua estabilidade” (DEMANT, 2004, 471 p.). Para o autor a diferença, enquanto que na Síria as coisas foram mais leves, no Egito, a Ditadura tomou proporções catastróficas. “Neste último, a sociedade civil está “apenas” sob pressão, enquanto que na Síria, ela já não mais existe. Todavia, o apoio potencial dos islamistas parece, na Síria, social e geograficamente mais circunscrito do que no Egito. O resultado é que a dinastia Asad não foi obrigada a fazer

¹⁹Ex-Presidente da Síria.

as mesmas concessões culturais que Mubarak” (DEMANT, 2004, 471 p.).Essa parede de vidro, de boa aparência, de boa organização serviu de paradigma no Iraque.

A situação não era mais amena no Iraque, Estado tão artificial quanto a Síria. No entanto, ali é pouco desenvolvido o fundamentalismo sunita. O regime ba'athista de Saddam Hussein se consolidou interna e internacionalmente com uma brutalidade que ultrapassou amplamente a dos colegas em Damasco. Além dos curdos, os islamistas constituíam sem dúvida o maior perigo para o regime. Porém, a profunda divisão entre a maioria xiita, desprezada e discriminada, e a minoria sunita, privilegiada e cooptada por Saddam, impediu que uma união islamista viesse à tona. Portanto, a oposição se concentrou entre fundamentalistas xiitas, duramente oprimidos, mas incentivados por uma ideologia bastante diferenciada daquela de Banna, Mawdudi e Qutb, que será discutida adiante (DEMANT, 2004, 472 p.).

Segundo Peter Demant, diversos Países passaram a ser pressionados por Grupos Fundamentalistas. No ano de 1970, a xaria foi implantada no Paquistão. “Zia ul-Haq²⁰, admirador de Mawdudi, começou no final dos anos 1970 a introduzir a xaria. A economia foi reformada na direção de um sistema bancário sem juros; punições foram aplicadas com base no Alcorão (...) e os ulemás foram encarregados pelos tribunais de garantir que os julgamentos correspondessem à xaria” (DEMANT, 2004, 473 p.). Na Região do Magreb as coisas não aconteceram para o Islamismo com a mesma força.

No Marrocos, o rei Hassan II consolidara seu poder absoluto com o uso da mesma mistura de punições e recompensas que também funcionava no Egito. Além disto, a monarquia se beneficiava da *baraka*, ou seja, do carisma da descendência do Profeta. Ela conseguiu mobilizar a população num frenesi nacionalista, conquistando o Saara ocidental (outrora espanhol) pela Marcha Verde. Na Argélia, os problemas sociais aumentaram, mas a elite nacionalista secular da Frente de Libertação Nacional (FLN) ainda manteve seu controle – graças à renda do gás natural (DEMANT, 2004, 473 p.).

Segundo Peter Robert Demant, na Tunísia as cores dos acontecimentos tomaram outros tons. A Sociedade Tunisiana era bem mais, equilibrada, e não tão radical. Em relação a Região Setentrional do Continente Africano. É a mais relativamente aberta, a que dá mais acesso a cultura ocidental, desde que, a Independência foi conduzida, e alcançada pelo Partido *Neo-Destour* traz consigo a secularização. Ao mesmo tempo, se inicia Movimentos Reacionários Islamistas com contra reposta.

Em1987, o primeiro ministro Zine El Abidine Ben Ali²¹ demitiu o velho líder ditatorial Habib Bourguiba, o herói da independência, acusando-o de um secularismo demasiado. O resultado foi uma onda islamizante, liderada pelo partido Al-Nahda (o Renascimento) que quase fugiu ao controle, conduzindo a uma nova repressão e ao exílio do líder fundamentalista Rachid Ghannouchi. Já no Sudão, país extenso, religiosa e racialmente dividido por uma interminável guerra civil do norte árabe-muçulmano contra o sul negro-animista e cristão, tentativas islamizantes começaram a partir de 1983, quan-

²⁰Militar; Político e Ex-Presidente do Paquistão.

²¹General Tunisiano, e Ditador do País.

do o general Ja'far Nimeiri se transforma de pan-arabista em islamista, e se intensificaram após o golpe em 1989 do general Umar Ahmad al-Bashir, incentivado pela eminência parda atrás do trono, o xeique fundamentalista Hassan al-Turabi, líder da Frente Islâmica Nacional. Nos anos 1980, o Sudão foi o segundo país a se tornar oficialmente um Estado islâmico (DEMANT, 2004, 474 p.).

A SEGUNDA ONDA (OS ANOS 1980): O INTERLÚDIO XIITA.

Segundo Peter Demant, O Fundamentalismo Muçumano ganhou novos adjetivos a partir dos anos de 1980. Primeiramente, o efeito da Revolução Iraniana, não só no Irã, mas em todo Oriente Médio. E em segundo lugar, A Paixão Fundamentalista Muçumana pelo Movimento Xiita.

A maioria dos leitores de jornais no Ocidente talvez nunca tenha ouvido falar de Qutb ou de Mawdudí, mas ninguém mais podia ignorar as manchetes sobre Khomeini ou o Hezbollah libanês. Contudo, o expansionismo da revolução islâmica, embutido em seu caráter xiita, logo chegaria a seus limites. As novas formas do islamismo da terceira onda, a dos anos 90, seriam quase exclusivamente sunitas (DEMANT, 2004, 477 p.).

QUEM SÃO OS XIITAS?

Segundo Demant, os Xiitas são 15% dos Muçumanos. É maioria no Iraque, no Bahrein e no Líbano. Além de Dominarem Ditatorialmente o Irã. Os Xiitas são numerosos e importantes em outros países do Oriente Médio como: Afeganistão; Azerbaijão; Arábia Saudita; Índia; Paquistão e Turcomenistão. “Sintomaticamente, quase todos esses países são situados na outrora na zona de influência da Pérsia dos séculos XVI-XVII, o primeiro e único reino que impôs o xiismo à população inteira” (DEMANT, 2004, 478 p.).

Xiitas e sunitas compartilham o mesmo Alcorão e seguem amplamente a mesma xaria. Ainda assim, um abismo quase insuperável os separa. Devemos lembrar que o xiismo originou do desacordo sobre a sucessão de Maomé. Como vimos, o partido de Ali ibn Abi Talib, primo e sobrinho de Maomé, insistiu na sucessão dentro da linhagem imediata da família do Profeta, para garantir a pureza e a infalibilidade da pessoa a ser encarregada desta tarefa. Contudo, ele foi derrotado pelo grupo oposto que, em sucessão apostólica “elitista”, inclinou-se a uma posição “democrática”: qualquer bom muçulmano poderia ser candidato e aclamado como califa pelo consenso da comunidade – contanto que ele pertencesse ao clã dos coraixitas, a tribo de Maomé (DEMANT, 2004, 478-79 p.).

Segundo Peter Robert Demant, Ali aos trancos e barrancos chega ao poder. Um perfil de líder fraco; e sem firmeza; alienou seus partidários. E isso, não o isentou de sofrer com traição. “Estes últimos não admitiram que seu herói. Ali aceitasse uma arbitragem em seu poder, e o abandonaram para formar uma seita igualitária e ultrapuritana,

os cariditas (khariji, quem vai embora). Pouco depois, Ali morreu assassinado em Najaf por um de seus seguidores decepcionados” (DEMANT, 2004, 479-80 p.). O Novo Califa é Mu’awiyah, mas, sofria oposição dos que acreditavam na sua ilegitimidade governamental. Além disso, Mu’awiyah começa a se mover para conduzir ao poder seu filho Yazid e contribuiu para o surgimento do mito de Ali.

O califa praticamente comprou a resignação domais velho, Hassan, em troca de uma promessa de futura assunção; porém, Mu’awiyah traiu sua promessa, assassinou Hassan e cuidou da sucessão de seu próprio filho, Yazid. Este, que no xiismo se tornou o protótipo do Mal, enfrentou alguns anos depois o filho caçula de Ali. Hussein herdara o temperamento inflexível do pai, recusou prestar homenagem a Yazid e partiu de Kufa, no Iraque, para enfrentar o exército do usurpador. Apenas cinquenta kufitas leais seguiram Hussein, que evidentemente não teve nenhuma chance. Todos foram massacrados em Karbala. Porém, o sacrifício voluntário de Hussein, por mais inútil que parecesse, salvou o xiismo, pois imbuiu os simpatizantes da vergonha e da determinação de nunca mais trair a causa justa de Ali. Assim, Hussein ibn Ali se tornou o grande herói da xia, cujo martírio é anualmente comemorado numa paixão que dramatiza a “traição” dos kufitas. Com choros e autoflagelação, os crentes expiam o pecado e transformam, simbolicamente, a derrota política-militar do “Bem” numa futura vitória. A partir de então, como também já vimos anteriormente, o xiismo oscilava entre a quietude – uma acomodação a contragosto com um mundo injusto, que em situações perigosas pode ir até a falsa negação da fé (*taqiya*), reconhecendo mas não aceitando a legitimidade de um poder injusto – e o ativismo milenarista, ou seja, o projeto de enfrentar esse mundo e transformá-lo (DEMANT, 2004, 480-81 p.).

Segundo Peter Demant, para o Xiismo, Hussein foi o Terceiro *Imã*, ou seja, Califa Sunita. “De sua família saiu um total de doze imãs, que segundo a tradição morreram todos martirizados” (DEMANT, 2004, 481 p.). No interior do Xiismo há uma crença: “que (...) voltará no fim dos tempos como *mahdi*, tipo de messias, para inaugurar um reino de justiça e felicidade universal. Eis uma cosmovisão diferente do “realismo pessimista” do sunismo” (DEMANT, 2004, 482 p.). Para Demant, segundo os Sunitas não Evolução Positiva no Mundo. O mundo está a cada dia mais próximo do colapso; se tornou uma doutrina religiosa ritualística ao extremo, que penetrou em todo o cotidiano de um Sunita Lembra o Catolicismo Ortodoxo. Em contrapartida, O Xiismo é em si mesmo idealista, e assemelha-se ao Catolicismo quando o tema é sofrimento. Segundo Nicola Abbagnano, o idealismo é:

Este termo foi introduzido na linguagem filosófica em meados do séc. XVII, inicialmente com referência à doutrina platônica das idéias. Leibniz diz: "O que há de bom nas hipóteses de Epicuro e de Platão, dos maiores materialistas e dos maiores idealistas, reúne-se aqui [na doutrina da harmonia preestabelecida]" (*Op.*, ed. Erdmann, p. 186). Contudo, esse significado do termo, que por vezes é indicado como "I. metafísico", no sentido de ser uma hipótese acerca da natureza da realidade (que consiste em afirmar o caráter espiritual da própria realidade) não teve longa vida. Essa palavra foi usada principalmente nos dois significados seguintes: 1º I. gnosiológico ou epistemológico, por várias correntes da filosofia moderna e contemporânea. 2º I. ro-

mântico, que é uma corrente bem determinada da filosofia moderna e contemporânea (ABBAGNANO, 2000, 534 p.).

Segundo Peter Robert Demant, boa investigação é o puritanismo e o escriturismo Calvinista no interior do Sunismo. No Xiismo, o Imã é sacralizado. É fatalista, não é difícil de explicar, o porquê do Xiismo como um campo magnético arrastou para si algumas minorias excluídas. “O xiismo tem um problema com a autoridade, o que causou internamente muitos cismas. A maioria dos xiitas segue hoje a linhagem dos doze imãs, os duodécimos. Desde a ocultação do último imã, sua autoridade foi devolvida aos ulemás xiitas, que acumularam um maior prestígio e poder do que seus correlatos sunitas” (DEMANT, 2004, 483-84 p.). Há outra vertente, os Ismailitas (*Sétimos*). “Eles seguem Isma’il ibnJa’far, o filho do sexto imã, que morreu antes de seu pai. Deste grupo se desenvolveram seitas tais como os druzos, os *nizaris*, os *nusairis* e outras ainda mais heterodoxas” (DEMANT, 2004, 484 p.).

Algumas delas por fim se tornariam comunidades fechadas (por causa da perseguição) e quase etnias, como os *alawitas* na Síria e *alevis* na Turquia. Em certas seitas, encontra-se uma deificação de Ali, identificado como emanção da divindade. Os druzos acreditam na reencarnação e vários ramos xiitas incluem ideias panteístas de origem neoplatônica e gnóstica, estando muito longe do islã normativo. Essas ideias entraram no islã por meio de interpretações esotéricas (*batin*) do Alcorão, secretas e supostamente transmitidas de geração em geração por mestres iniciados – exatamente os imãs e seus representantes (DEMANT, 2004, 484 p.).

Segundo Peter Demant, o Imã foi sacralizado por muitos motivos, e isso teve desdobramentos:

Um elemento conspiratório molda esta tradição. Repetidamente emergiram pessoas que, alegando ser o imã ou seu *bab* (porta ou anunciador) e possuir conhecimentos secretos, conseguiram desafiar o governo califal sunita e tomar o poder (...). Teologicamente, porém, sua herança mais interessante são os druzos, seguidores do *bab* Darazi, ativista ismailita que pregou que o califa al-Hakim (996-1021), bastante extremista em seu comportamento, seria uma emanção do Divino. Seguidores desta religião secreta inspiraram uma revolta camponesa no Líbano. Gerações posteriores de druzos, contudo, foram perseguidas e só sobreviveram em redutos montanhosos de difícil acesso, onde desenvolveram uma forte solidariedade comunal e se tornaram famosos como guerreiros feudais. (O grupo subsiste e exerce influência política na Síria, no Líbano e em Israel) (DEMANT, 2004, 485 p.).

A PÉRSIA HISTÓRICA ENTRE XIISMO E MODERNIZAÇÃO.

Segundo Peter Demant, a união do Xiismo com o Irã é longa. A derrubada de Bagdá, também trouxe consigo uma agulha que fura o balão ideológico sunita, e ascen-

são do Sufismo²² e Xiismo. Colabora para o crescimento Safávida. “Em 1501, o xá (imperador persa) Isma’il tomou o poder na Pérsia (de sua base em Tabriz), declarou-se descendente e reencarnação divina dos imãs ismailitas e impôs o xiismo à população. Foi provavelmente um cálculo político, para se diferenciar dos otomanos sunitas, na época no auge de seu dinamismo” (DEMANT, 2004, 487 p.). Os Safávidas não são ortodoxos, e tinham uma figura que o acompanhavam, que era de suma importância, chamado *sadrs*.

A experiência se provou um sucesso completo. Por causa do apelo nacional do xiismo enquanto ideologia de oposição contra a supremacia árabe, ou por causa da conotação como dualismo e o racionalismo espiritual inerentes à tradição zoroastriana, os persas abraçaram a fé (na versão duodécima) e a dinastia fundou essencialmente a Pérsia como nação. O Império Safávida se expandiu e conheceu seu auge no começo do século XVII, quando o xá Abbas construiu sua capital em Isfahan. Entretanto, a Pérsia estava numa luta contínua contra o vizinho sunita turco: os otomanos conquistaram o Iraque com os lugares santos xiitas. Esta mudança de patrono teria consequências políticas no longo prazo na Pérsia (DEMANT, 2004, 487-88 p.).

No Século XVIII, materializa-se o desmoronamento dos Governantes Safávidas. Tiveram perdas divinas e políticas. A sua reestruturação demorou um pouco. “Os novos xás *qajares* nunca tiveram a mesma sanção religiosa como os Safávidas, e muitos ulemás migraram para os lugares santos onde, fora do alcance do poder temporal, estavam livres para criticá-lo” (DEMANT, 2004, 488-89 p.). Na Pérsia, as coisas se desenharam um pouco diferente.

Dentro da Pérsia, oponentes ao xá se protegiam pelo *bast*, imunidade outorgada a mesquitas ou lugares santos, que os tornava núcleos de oposição invioláveis. Observasse que os ulemás tinham no xiismo em geral, e na Pérsia em particular, um papel bem mais forte do que no Império Otomano – o que explica o fato de a Turquia gerar um Atatürk, enquanto o Irã gerou um Khomeini. Logo os *mullas* cristalizariam a oposição ao poder político. Outro fator do poder do clero foi, nos séculos XVIII e XIX, o debate sobre a liberdade de interpretação. Um “fechamento das portas do *ijtihad*” como prevalecia no sunismo nunca existiu na mesma medida no xiismo, com suas tradições racionalistas latentes (DEMANT, 2004, 489 p.).

Ao mesmo tempo, houve uma ação dos Intelectuais da Literatura, que levantaram uma bandeira pedindo a volta do Imã. Para eles, “os xiitas não podiam acrescentar nada à doutrina. Contudo, quem venceu foram seus oponentes, os *usuli*, argumentando que os mais elevados dos ulemás derivam sua autoridade do imã oculto e, portanto, dispõem da liberdade de *ijtihad*” (DEMANT, 2004, 489 p.). Isso tudo redimensiona e re-

²²“Misticismo árabe e persa (assim chamado porque os mantos de seus adeptos eram feitos de pêlos de camelo) que se desenvolveu a partir do séc. VIII por influência do cristianismo e culminou no neoplatonismo de Algazali” (ABBAGNANO, 2000, 928 p.).

direciona, as coisas para o caminho político, isso pode ser notado em Khomeini, “o maior *mujtahid* de sua geração, eleito por consenso, e a cujos ditames se deve submissão. Desde o século XX, este “vice-governador do imã” se chama aiatolá (*ayatollah*, sinal de Deus). Houve, por vezes, vários deles em competição. Mas o mais influente, sem dúvida, foi Ruhollah Khomeini”(DEMANT, 2004, 490 p.). É importante ressaltar, que os Ulemás de Pérsia tinham alguns privilégios, que os Xá não desfrutavam.

Funcionavam não apenas como juízes em litígios civis (casos criminais cabiam ao xá), mas também como cobradores de impostos (especialmente do *khums* ou quinto, semelhante ao dízimo cristão), administradores de fundações religiosas, mantenedores de mesquitas e escolas, distribuidores de esmolas etc. Porém, se por um lado os ulemás eram oponentes do absolutismo imperial e estavam entre os líderes evidentes da política iraniana, seus valores eram dos mais tradicionais (DEMANT, 2004, 490 p.).

Em meio a ebulição Russo-britânica na corrida à Pérsia, no último quarto do século XIX para o XX. Alguns defendem que lês passaram a almejar o Governo Imperial. O País Persa bambeia entre o Império Inglês ou Russo. O assédio é grande, se tornou uma área de disputa. Tomou importância.

Como a Pérsia estava social e economicamente atrasada comparada aos otomanos, a influência ocidental na educação e nos valores foi mais fraca. Não obstante, no fim do século XIX já havia intelectuais secularistas nacionalistas, que tentaram reforçar a oposição contra o xá do bloco ulemá-mercantil. Mas por fim os ulemás perceberam os secularistas, com seus projetos alarmantes tais como a emancipação da mulher, como um perigo maior do que o próprio imperador absoluto. A exploração imperialista e a fraca resistência dos qajares provocaram uma reação em 1891, quando o clero desencadeou uma greve contra o monopólio do tabaco, que foi dado à Grã-Bretanha. O xá então se viu obrigado a recuar (DEMANT, 2004, 491 p.).

No início do século XXI, ainda na Pérsia, na sua capital o Teerã. Como fruto de uma crise política vem à tona a Revolução Constitucional. O Xá cede devido a pressão ulemita. Frutifica em uma: Constituição; Direito Civil e Assembléia. Na tentativa de adiamento ocorre derrota governamental. “A nova constituição deu aos *mullas* o poder de vetar quaisquer leis. A agitação nacionalista trouxe uma precoce contraradicalização islamista por parte dos ulemás, que insistiram na soberania de Deus no lugar da soberania danação – até 1911, quando seu líder, o xeique Fazlollah Nuri, foi enforcado”(DEMANT, 2004, 492 p.). No entanto, a Primeira Guerra Mundial sepultou o Movimento de uma Pérsia Constitucional, e juntamente com eles os *Qajares*.

Potências estrangeiras ocuparam o país e revoltas regionais ameaçaram sua integridade, em particular no norte etnicamente não persa e sob influência da Revolução Russa. Uma destas, o levante comunista dos jangalis em Gilan, foi reprimida pelo coronel Reza Khan, que deu o golpe de Estado que restabele-

ceu o poder central. Secularista e admirador de Atatürk²³, em 1925 ele se fez coroar imperador de uma nova dinastia, os Pahlevi – gesto que tinha a intenção de apaziguar os ulemás, que ainda temiam a ideia de república, associada ao secularismo. É nesta época que os *mujtahids* voltaram do Iraque, que caíra sob controle britânico, e se estabeleceram na cidade santa de Qom (DEMANT, 2004, 492 p.).

Segundo Peter Robert Demant, Reza Pahlevi já começa a implantar uma Modernização via Ataturk, Era apenas um ensaio para as décadas de 1960 e 70.

projetos dos anos 1960 e 1970 de seu filho, o último xá: reforma educacional, jurídica, desclericalismo dos *waqfs*, proibição do xador (a vestimenta negra que cobre todo o corpo das persas) e da barba, sedentarização das tribos. Para se distinguir da herança islâmica dos árabes, semitas, o xá também mudou o nome da Pérsia para Irã, país dos arianos. Abertamente pró-nazista, os britânicos demitiram no sumariamente em 1941, a favor do jovem e inexperiente Muhammad Reza. Os ulemás recuperaram imediatamente o terreno perdido e tentaram impor novamente o véu às mulheres quando fora de casa (DEMANT, 2004, 493-94 p.).

21

O ÚLTIMO XÁ: MODERNIZAÇÃO FORÇADA CONTRA A OPOSIÇÃO XII-TA-POPULAR.

Segundo Demant, a Segunda Guerra Mundial teve diversos efeitos no Irã. Mas, as Ideologias Nacionalistas e Esquerdistas são indiscutíveis nos anos de 1950. Com um bom apoio o Nacionalista Muhammad Mussaqed, ao seu lado havia: lojistas; profissionais liberais; Comunistas do Tudeh; os Ulemás e o Aiatolá Abul Qasim Kashani. Toda essa coalizão só se estabeleceu em prol de uma realidade - o Protecionismo.

Evidentemente, os programas dos vários componentes da base política de Mossadeq eram bastante diferentes. Kashani liderou os Mujaheddin-e Islam, que preconizava o velamento das mulheres e a introdução da xaria como questões principais. O único ponto em comum era o protecionismo: quando Mossadeq nacionalizou o petróleo, agradou a todos. Mas quando planejou o direito de voto à mulher, os ulemás se enraiveceram (DEMANT, 2004, 495 p.).

O Autoritário-Patriarcal continua centralizado na Sociedade, dando o tom das coisas. Todavia, a morte dos Nacionalistas no poder, automaticamente traz a vida novamente o Xá. “Reza Pahlevi projetava inicialmente uma imagem religiosa, no entanto, suprimiu as liberdades políticas. A maioria dos *mullas* seguiu a instrução do *mujtahid* Borujerdi de permanecer fora da política. Apenas em Qom se manteve uma oposição

²³“Mustafá Kemal (Atatürk, 1881-1938), a Turquia embarcou num caminho que a afastou de seu passado, e dos países árabes com os quais seu passado fora tão intimamente ligado: o de recriar uma sociedade na base da solidariedade nacional, uma rígida separação de Estado e religião, e uma tentativa deliberada de dar as costas ao Oriente Médio e tornar-se parte da Europa. O antigo laço entre turcos e árabes foi dissolvido, em circunstâncias que deixaram ressentimentos de ambos os lados, exacerbados durante algum tempo por disputas sobre fronteiras com o Iraque e a Síria. Apesar disso, o exemplo do Atatürk, que desafiara a Europa com sucesso e estabelecera seu país num novo caminho, iria ter um profundo efeito sobre movimentos nacionais em todo o mundo árabe” (HOURANI, 1994, 322 p.).

radical, liderada pelo jovem *mujtahid* Ruhollah Khomeini” (DEMANT, 2004, 496 p.). O Irã de alguma forma compôs o interesse de Potências Ocidentais, especialmente dos EUA. Na década de 60 houve eventos Revolucionários, que direcionados pelo Xá tentaram, ditatorialmente, modernizar o País.

Uma ambiciosa reforma agrária e a emancipação das mulheres fomentariam a industrialização e a educação de um país ainda despreparado para entrar num mundo globalizado. O processo, entretanto, beneficiou apenas uma pequena camada de burgueses e aristocratas proprietários, e empurrou milhões de camponeses para as cidades superlotadas, onde mergulharam na miséria das favelas. Isso acabou alimentando a hostilidade dos pobres e da intelectualidade nacionalista e antiocidental (DEMANT, 2004, 496 p.).

Algumas dessas ideias modernizadoras (são duas as que geram problema: a autonomia feminina, e a participação governamental de não muçulmanos). Lógico, que essas ideias não teriam muito sucesso em uma Sociedade Patriarcal. Isso desemboca em um Rio de Revoltas, que o Governo represa-o com banho de sangue, sem piedade. O Maior fruto disso é exílio de Khomeini. “Com apoio dos EUA, o xá sobreviveu por mais quinze anos. A oposição ficou dividida, mas a base social do regime se restringiu a poucos, até que finalmente quase a totalidade da população estava na oposição. Nem a riqueza petrolífera nem uma ideologia neoimperialista e artificial adiantaram ao xá quando a revolução muçulmana eclodiu em 1978”(DEMANT, 2004, 497 p.). No interior da oposição proliferaram ideologias. A principal ideologia tinha três bases estruturais.

Primeiro, Khomeini ativou o mito fundador xiita, Karbala. Os muçulmanos precisavam descartar sua passividade e, sob a liderança dos ulemás, imitar a resistência do imã Hussein contra a opressão: o xá seria um novo Yazid. Segundo, se os muçulmanos quisessem cumprir seus deveres religiosos, eles precisariam da estrutura de um Estado islâmico (e não meramente muçulmano). E terceiro, Khomeini desenhou a estrutura política do Estado religioso que ele prescrevia: o governo de um tal Estado islâmico teria que se basear no princípio da *vilayat-e faqih*, a vice-regência (esperando o imã) do *faqih*, ou seja, legista-mor do *fiqh*, que concentraria poderes em suas mãos, assegurando a concordância das leis com a xaria (DEMANT, 2004, 497-98 p.).

Segundo Peter Demant, Khomeini é um baluarte islâmico; um arauto. E não é por caso. Ele era uma espécie de lenda viva.

A relevância de Khomeini é tríplice: ele foi o maior idealizador e teórico da Revolução Iraniana, seu principal estrategista e líder revolucionário, além de ter sido ainda o governador que moldou a face pública do país no período formativo pós-revolucionário. O que sua teoria carecia em sutileza foi compensado no vigor de seu programa político. Khomeini providenciou o projeto da futura República islâmica sob o auspício da simbologia islâmica. Seu lema era: “Que cada lugar seja Karbala, cada dia um Ashura” – o que traduzia em termos xiitas a exortação anti-imperialista dos anos 1960 e 1970 para “criar um, dois... muitos Vietnãs”(DEMANT, 2004, 498 p.).

Outro grande destaque que não se pode é Ali Shari'ati²⁴, de ideias complexas; não sistemáticas; xiita místico; terceiro-mundista; marxista e Pai da Teologia da Libertação Árabe. Ele reinterpretou o Alcorão; os Imãs e das fontes islâmicas. “Sua ideia de sociedade igualitária exhibe influências místicas e panteístas: Deus é realmente idêntico ao povo e, portanto, a socialização dos meios de produção equivale de fato a um reconhecimento de que tudo pertence a Deus” (DEMANT, 2004, 500 p.). Para o Islã, o homem precisa nascer de novo (*teomorfo*). E a ferramenta dessa transformação é o Islã, ou seja, o *Xiismo Vermelho de Ali*. “É claro que com tais teorias sofisticadas e inebriantes, Shari'ati atraía mais intelectuais do que as massas e não agradava muito aos ulemás tradicionalistas. Em termos políticos, contudo, este islamismo dos intelectuais não podia competir com o xiismo popular manipulado por Khomeini” (DEMANT, 2004, 500-01 p.). Ainda nos anos de 1970 surgiu uma coalizão: Os *mujaheddin-e khalq* (os guerreiros santos do povo, da esquerda islamista), e os *Fedaiyin-i Khalq* (os mártires do povo) contra o governo.

Equivalentes dos estudantes sunitas no Egito e Síria, tampouco no Irã eles conseguiram acender a revolução que desejavam por suas próprias forças. Contudo, tiveram papel catalizador. Seus atos, que em nossos dias seriam considerados terrorismo, provocaram uma repressão feroz por parte do regime. Torturas, desaparecimentos e execuções pela polícia secreta Savak se expandiram até o novo presidente norte-americano Jimmy Carter condicionar, em 1977, a continuação do apoio dos EUA, espécie de bote salva-vidas do regime, ao respeito aos direitos humanos. O xá foi assim coagido a iniciar uma liberalização cautelosa. Alguns presos, cujas reivindicações iniciais ainda eram moderadas, foram libertados e pediram a restauração da constituição. Ao chegar ao seu limite, a pressão acumulada explodiu. Os protestos aumentaram e escaparam de controle. O xá provocara uma tempestade islâmica que, dentro de um ano, o varreria para longe (DEMANT, 2004, 501-02 p.).

A REVOLUÇÃO ISLÂMICA.

Segundo Peter Robert Demant, a Revolução Islâmica é um paradigma, devido ao seu feito. Derrubou uma Ordem Secularista, e estabeleceu uma Ordem Islamista, que foi materializada pela maioria. Ela se encontra no mesmo patamar da Revolução Francesa; da Revolução Russa e da Revolução Chinesa. E não foi inteiriça teve diferentes fases. Pode até não ter cumprido seus objetivos, mas, abalou o Oriente. “É cedo para dizer se

²⁴“Shari'ati estudou na Sorbonne parisiense (onde recebeu as influências de Marx, Sartre e Fanon). De volta, participou no movimento mossadequista junto com islamistas progressistas tais como Sadeq Qotb-zadeh (posteriormente executado como traidor) e Abdolhassan Bani-Sadr. Nos anos 1969-1972 se tornou um professor cultuado com suas aulas de sociologia islâmica no colégio Husayniya-i Ershad de Teerã. Ele incomodou o regime o bastante para ser preso, sendo libertado somente em 1977, quando partiu para a Inglaterra e onde repentinamente morreu –supostamente de uma parada cardíaca” (DEMANT, 2004, 498 p.).

tal revolução proporcionou um modelo para futuras convulsões no mundo muçulmano. À primeira vista, a experiência iraniana parece idiossincrática demais para ser copiada em outras sociedades. Uma análise de suas etapas e façanhas esclarecerá o que foi exemplar – e o que é impossível de ser repetido” (DEMANT, 2004, 503 p.).

Segundo Peter Demant, a primeira fase é a Derrubada do Regime. Esse fogo revolucionário veio das greves de estudantes universitários, somado a extensos protestos contra o Governo em Junho de 1977. A partir do ano seguinte, o movimento tomou outras proporções. Conseguiram apoio de: Bazaris; Ulemás e Talebás.

As manifestações foram reprimidas ao custo de alguns mortos, logo acolhidos como mártires pelos ulemás. As cerimônias comemorativas que aconteceram quarenta dias após o enterro constituíram a ocasião para uma nova manifestação de protesto, mais ampla, e cuja repressão pela polícia causou mais vítimas. O enterro destas provocou, quarenta dias depois, uma nova manifestação (DEMANT, 2004, 504 p.).

O mês seguinte, em Fevereiro, o efeito revolucionário chega a Tabriz. E de Tabriz mais mortos em prol da causa, “que se expandiram para outras cidades. Este círculo de mortes e manifestações públicas de desagravo, em poucos meses, solapou o poder de resistência do regime” (DEMANT, 2004, 504 p.). No Mês do Ramadã as coisas ficam a flor de pele, e tudo tem um efeito maior. Especificamente foi em Agosto.

O incêndio num cinema de Abadan acirrou ainda mais os espíritos. Este acidente foi imediatamente atribuído à conspiração da polícia secreta e causou um levante de vozes em protesto. Entrementes, o xá sentiu a pressão e tentou apaziguar a oposição mediante uma mudança de governo e a promessa de uma constituição, mas já era tarde. De seu exílio francês, Khomeini pediu a cabeça do imperador e conclamou o surgimento de um novo regime. As greves e protestos se tornaram mais intensos. Em setembro, na Sexta-feira Negra, um massacre pelas forças da ordem quebrou o último laço entre governo e governados: a partir de então, alunos, trabalhadores, funcionários, pobres, mulheres etc. se juntaram às manifestações cada vez maiores (DEMANT, 2004, 504-05 p.).

Segundo Peter Demant, o ápice ocorreu em Dezembro, “quando milhões foram para a rua pedindo a abolição da monarquia e a instalação de Khomeini como novo líder” (DEMANT, 2004, 505 p.). O plano era incorporar as ideias de Gandhi no Islã – não violência acima de tudo. E que se morresse seria mártir, uma Martelo que bateria firme no Governo, “que afinal dependia da lealdade de policiais e militares que não faziam parte dos privilegiados, mas do próprio povo” (DEMANT, 2004, 505 p.). Antes, de finda o mês de janeiro de 1979, um Comitê de Mesquita enfrentou o Governo, e o Xá

não demorou a fugir. Depois, acontece o ponto mais importante. O retorno de Khomeini, agora, assume o Governo. Os militares permanecem na neutralidade do ocorrido.

Quando refletimos sobre as causas gerais deste êxito, é preciso adicionar muito pouco aos fatores estruturais já analisados: o regime do xá privilegiava uma camada social restrita, que há muito perdera a legitimidade aos olhos de seus súditos. Não há paralelos de tal amplitude no mundo muçulmano atual. Porém, os regimes de Mubarak, dos generais em Argel, do rei Abdallah em Amã e outros potentados não democráticos não estão provavelmente tão longe deste ponto. Contudo, para ter êxito e derrubar um regime impopular, as forças revolucionárias necessitam da presença simultânea de pelo menos três outras precondições: uma coalizão organizada de várias forças populares, a galvanização destas num programa de reivindicações e numa ideologia comum, além de uma liderança adequada para explorar a conjuntura revolucionária. Somente no Irã a tríplice conjuntura se materializou, em fins dos anos 70 (DEMANT, 2004, 506 p.).

Segundo Peter Demant, é a “Primeira Revolução Urbana” (DEMANT, 2004, 506 p.). O Plano de Khomeini uniu três extremos, e transformá-los em um Coalizão Anticidental: “1) o clero tradicional, apoiado pelos bazares e os pobres tradicionalistas, (...) 2) os (...) muçulmanos esquerdistas e outros grupos da extrema esquerda formados por alunos, funcionários e trabalhadores comunistas, cujas greves enfraqueceram criticamente a base econômica do xá, em particular nas indústrias petrolíferas; e 3) a minoria liberal” (DEMANT, 2004, 506-07 p.). A carta na manga dessa Revolução também foi à liderança, tanto em caráter como em postura, em não titubear no meio do caminho da Revolução.

Por fim, a revolução dependia da qualidade das lideranças. Este fator foi crucial. O xá hesitava e sua repressão foi superficial, ferindo a oposição apenas o suficiente para enraivecê-la, mas não o bastante para esmagá-la. Khomeini, por outro lado, fez bom uso de seu carisma derivado da autoridade dos *mujtahids*. Para as massas tradicionais, ele incorporava as esperanças xiitas milenaristas. Muitos viam nele o imã oculto, apesar de Khomeini nunca confirmar isto. Para os mais cultos e/ou secularizados, ele deixou bastante vago e não explicitava seu programa. Desta maneira, fazia-se aceitar como denominador comum a todos (DEMANT, 2004, 506 p.).

A REPÚBLICA ISLÂMICA.

Segundo Peter Demant, A República Islâmica foi um Governo Teodemocrático. O Governo da Transição foi conduzido por Mehdi Bazarghan Muçumano Liberal. “Em setembro de 1979, uma Assembleia Constituinte foi eleita por voto universal. Nessa assembleia, o Partido Islâmico Revolucionário, khomeinista, obteve a maioria, o que lhe permitiu moldar amplamente as instituições do país” (DEMANT, 2004, 508 p.). O efeito desse evento é percebido até hoje, é banhado pela ideologia do Khomeini. Todavia,

no interior do Regime tinham dois caminhos, que paralelamente conviviam. A teocracia e a Democracia.

Neste regime misto teocrático-democrático, mas com maior influência teocrática, os poderes legislativo e judiciário se concentravam no jurista supremo, o *faqih*. Não surpreende que tal jurista supremo tenha sido o próprio Khomeini. A administração cotidiana do Irã ficava, no entanto, com um governo e um presidente responsáveis perante o parlamento, o *majlis*, eleitos por voto universal. Partidos políticos foram legitimados (contanto que respeitassem a constituição). Os candidatos, porém, precisavam do aval prévio de uma comissão que os avaliava segundo critérios islâmicos. Esse multipartidarismo muçulmano representava o lado democrático do novo sistema. O outro lado, teocrático, consistia no Conselho dos Guardiões, uma comissão (a metade composta de ulemás e presidido pelo próprio Khomeini) que conferia as leis do parlamento e que podia vetá-las caso não condissessem com as normas do islã. É este órgão que recentemente bloqueou todas as reformas liberais e democráticas propostas pelo presidente reformista Mohammad Khataami (DEMANT, 2004, 508-09 p.).

Segundo Demant, Khomeini efetivamente islamizou leis cotidianas, “introduzindo um código de vestimenta, incluindo a obrigação de a mulher cobrir os cabelos em público, além da proibição de uma gama de outras atividades “imorais”, bem como suas respectivas punições islâmicas” (DEMANT, 2004, 509 p.). No entanto, o Regime do Irã tem surpreendido pela relativa Liberdade. Os maiores problemas do Irã nos últimos tempos, esbarra na ideia de Emancipação de uma mulher, isto dentro de uma Sociedade Patriarcal; Conservadora e Autoritária.

Milhões de iranianas participaram, vestidas com xador, das manifestações que aboliram o regime do xá. E votaram: não havia mais como retroceder. No Irã islamita, é intensa a atuação feminina na vida pública, profissional e até política; nesta, as mulheres podem exercer qualquer função, exceto a de presidente da República. Mas nem por isso os não muçulmanos foram reduzidos ao *status* de *dhimmis*, como os islamistas mais radicais preconizaram (DEMANT, 2004, 510 p.).

Segundo Demant, o Irã Islâmico concedeu liberdade para diferentes grupos: armênios; assírios; cristãos; judeus; sunitas e zoroastrismo. “Numa medida de conteúdo democrático questionável, que lembra os princípios comunalistas que guiavam os governos do Líbano e da Índia britânica, certo número de cadeiras está automaticamente reservado às minorias religiosas” (DEMANT, 2004, 510 p.). Esse fenômeno liberal não alcançou todas as minorias.

No começo, a revolução iraniana pareceu ter, aos observadores complacentes da esquerda ocidental, uma forma estranha que mascarava um conteúdo, por fim, progressista. A propaganda de Khomeini privilegiou o papel dos *mustazafin*: os favelados empurraram a revolução. Os piores aproveitadores do regime do xá foram punidos. Planos foram feitos para expropriar riquezas adquiridas de forma ilícita sob o regime do xá e para nacionalizar as indústrias e principais serviços. Entretanto, essa promessa não se cumpriu. O islã reconhece o direito à propriedade privada e não é inerentemente hostil ao capita-

lismo, como analisa Maxime Rodinson. Num sistema que pretendia deduzir suas políticas da xaria, a política econômica permaneceu uma incógnita. Como já foi mencionado, a xaria divide todos os atos humanos em cinco categorias: obrigatório, indicado, neutro, reprovável e proibido. Muitas atividades econômicas estão na zona neutra, o que permite uma variedade de interpretações. Havia ulemás como aiatolá Taleqani, que enfatizavam o aspecto igualitário do islã, mas Khomeini não os apoiou (DEMANT, 2004, 510-11 p.).

Peter Demant, o início da Revolução Iraniana é a Queda da Bastilha. O período mais radical equivale a Fase do Terror – a guilhotina dava o tom das coisas. “Afinal, a soberania de Deus e a do povo são incompatíveis. Uma das marcas da revolução – talvez seu último denominador comum, uma vez expulso o xá – foi o antiocidentalismo” (DEMANT, 2004, 512 p.). Tudo que vem do Ocidente deve ser rechaçado, sem negociação. “Durante décadas, os ocidentais – primeiro, a Grã-Bretanha e a Rússia, depois os EUA – determinaram o curso do país. Agora, junto com a rejeição da influência política do Ocidente, os valores culturais associados a ela também foram descartados” (DEMANT, 2004, 512 p.). Khomeini até cunhou o termo ocidentoxicação:

Na visão doravante hegemônica de Khomeini, a intoxicação provocada pelas ideias ocidentais representava o maior perigo ao Irã. Ele cunhou o neologismo *gharbzadegi* (“ocidentoxicação”) e declarou que aquela era uma praga que deveria ser extirpada. Em 1979, o grupo extremista dos Alunos da Linha do Imã ocuparam a embaixada norte-americana em Teerã, desencadeando uma seríssima crise diplomática com a potência “Grão-Satanás” (Israel constituía o “Pequeno Satanás” e era igualmente alvo preferido para os islamistas do Irã, como se verá posteriormente) (DEMANT, 2004, 512-13 p.).

Todos os opositores das ideias do Imã foram exterminados. Houve alguns debates, como no prisma de Abdolhassan Bani-Sadr, um khomeinista moderado, o crescimento Estatal, se sobrepõe o Alcorão. Isso gera prejuízos a ele. Pois, Khomeini tinha uma história a seu favor para conduzir e influenciar o seu País a segui-lo, ou seja, quem estava com Khomeini ao seu lado tinha um apoio populacional fora do comum, mas, para Abdolhassan Bani-Sadr isso não era tão importante assim.

Ele foi demitido em favor do rigoroso e puritano ideológico Ali Khamenei (hoje o responsável político supremo e líder dos conservadores). Em seguida, critérios islamistas foram impostos para refazer os currículos escolares: o nível educacional declinou e a nova geração foi submetida a uma intensiva lavagem cerebral fundamentalista. A “polícia moral” estava encarregada de controlar o comportamento não só político como também social: vestimentas e vídeos ocidentais, namoros entre adolescentes, bailes, contracepção, prostituição, homossexualidade, adultério e todo sexo fora do casamento estavam entre as proibições puníveis. A sociedade inteira foi mantida num entusiasmo e numa mobilização física e moral permanente: comparecer às orações de sexta-feira e aos estudos religiosos eram tarefas obrigatórias (DEMANT, 2004, 513-14 p.).

Segundo Peter Demant, a década de 1980 traz a tona uma Revolução Claudicante, e que parecia entrar em processo de deteriorização – todavia, resiste aos ataques iraquianos. Mesmo, no momento em que a sua infantaria não se encontrava arrumada. Khomeini usa o momento de guerra como uma carta na manga, para difundir mais uma de suas ideologias. “Depois, Khomeini usou a guerra para promover seu universalismo islamista, combinado com apelos ao patriotismo iraniano. Incitando a população com os símbolos do martírio, o Irã estancou os avanços iraquianos com milhares de “ondas humanas” de *basij*, adolescentes e crianças que se jogavam vivos sobre as minas iraquianas” (DEMANT, 2004, 514 p.). Aos Pais Inconformados era dito, que a Juventude era uma espécie de barreira contra Invasão Ocidental, “e que cada criança desde os nove anos (para meninas) ou dezesseis anos (para meninos) era adulta para se sacrificar no *jihad*” (DEMANT, 2004, 514-15 p.).

Peter Robert Demant conclui que: “Não é um exagero dizer que, com o enterro de milhares de pequenos corpinhos mutilados, o país mergulhou num culto à morte. Um apoio financeiro foi dado às famílias dos “mártires” pelas “fundações dos *mustazafin* e dos mártires”, verdadeiro império econômico que gerenciava os bens expropriados do regime do xá” (DEMANT, 2004, 515 p.). Uma conclusão de todo esse movimento é o uso dos Guardiões Revolucionários como um Martelo de Aço para frear toda e qualquer oposição. O ano de 1981 é marcado pela demissão Bani-Sadr, e é colocada uma contenção contra Sadiq Qotbzadeh, o islamita. Em contrapartida, Khomeini buscou apoio para aniquilar toda e qualquer oposição, não se importando contra quem fosse. Esse novo movimento no tabuleiro de xadrez atingiu, principalmente, os Liberais e Ulemás. Ninguém mais se ousou se opor a Khomeini.

Demissões foram seguidas por expurgos, expulsões, perseguições e até o extermínio físico – tanto dos “ateístas” (os comunistas) quanto dos “hipócritas” (os *mujahaddin-e khalq*). Entre cinco e dez mil pessoas foram fuziladas em execuções que chegaram ao ápice entre 1981 e 1983. Poucos conseguiram sobreviver na clandestinidade. A ala teocrática suprimiu esquerdistas, liberais e islamistas concorrentes. Depois, nunca mais houve desafios ao monopólio do poder dos khomeinistas (DEMANT, 2004, 515-16 p.).

O IMPACTO INTERNACIONAL DA REVOLUÇÃO IRANIANA.

Segundo Peter Demant, em relação ao seu efeito internacional foi ambíguo. “Boa parte da esperança que a revolução iraniana inspirou em alguns – e do susto que a ela provocou em outros – dizia respeito ao seu potencial de suscitar irrupções semelhantes em outros países” (DEMANT, 2004, 517 p.). A Revolução Iraniana tem o efeito de defesa uma Antiocidental, isso causa boa impressão entre os Intelectuais Esquerdistas

do Ocidente. Houve uma recepção mundial: “No mundo árabe a revolução foi saudada em primeiro lugar como evento antiocidental e, em segundo, como sinal encorajador de que profunda mudança interna era possível, contanto que houvesse suficiente mobilização popular e uma liderança” (DEMANT, 2004, 517 p.). O efeito mundial foi no seu conteúdo islamista, “suas expressões mais negras como as execuções de jovens alunos revolucionários, narcotraficantes e prostitutas, a repressão das liberdades etc. apareceriam somente mais tarde” (DEMANT, 2004, 517 p.). No prisma iraniano sempre houve uma houve a ideologia de universalizar Revolução.

Para Khomeini, tanto quanto para Mawdudi ou Qutb, o islã constituía um projeto de alcance universal. A própria constituição iraniana proclama o objetivo de um Estado pan-islamista e compromete a República Islâmica a apoiar todas as “lutas justas”. O Irã apoiou ativamente causas islamistas onde pôde – por exemplo, mandando centenas de *pasdaran* ao sul do Líbano para ajudar os xiitas na sua luta contra Israel. O Irã revolucionário concorreu com a Arábia Saudita conservadora como fonte da legitimidade islâmica, e as tensões entre estes gigantes regionais logo alcançaram proporções perigosas (DEMANT, 2004, 518 p.).

Segundo Demant, a maior materialização do Rolo Compressor que foi a Revolução Muçumano-Iraniana. Foi o advento da Guerra contra o Iraque. A Revolução Iraniana foi algo tão catastrófico, que começa nascer uma Coalizão Estatal da Península Árabe. Pois, a Revolução Iraniana causou uma espécie de desequilíbrio, onde o Irã passou a ser o Gênio da Garrafa o Oriente – passou a ser também uma ameaça, para os Países de perto e de longe.

Em nenhum lugar o expansionismo revolucionário muçumano foi mais nítido do que na guerra contra o Iraque. O Irã não foi o agressor, mas logo usou a guerra para atingir os xiitas iraquianos “irmãos” e os lugares santos, Najaf e Karbala. Khomeini viu como *jihad* para exportar a revolução islamista, insistindo na destituição de Saddam Hussein como pré-condição para a paz. Porém, sua tentativa de mudança de regime não funcionou. A liderança iraniana subestimou o terror que ela mesma insuflava no exterior: foi exatamente seu caráter de cruzada que provocou uma reação internacional, a qual Saddam soube aproveitar para seus próprios fins. Após vitórias iranianas, a guerra se imobilizou, mas o conflito se arrastou até a exaustão mútua, com um número espantoso de mortos. Quando Khomeini finalmente aceitou, em 1988, o armistício entre o Irã e o Iraque e a volta às posições anteriores, não houve dúvida de que a revolução islâmica sofrera uma derrota moral (DEMANT, 2004, 519-20 p.).

A década de 1980 o povo já está enfadado de teorias religiosas. A Revolução se estabeleceu uma Instituição. Muita coisa compromissada não se concretizou. “As esperadas reformas agrárias e econômicas tardavam: nenhuma revolução econômica aconteceu no Irã. Por fim – apesar de algumas mudanças no quadro de funcionários – a exploração por camadas abastadas e poderosas se perpetuou” (DEMANT, 2004, 520 p.).

O sistema foi engolido pela corrupção nos seus bastidores. Mas, ainda sim, tentar tomar medida para mostrar que o Alcorão era a Constituição ser obedecida - com no caso de Salman Rushdie.

Um dos últimos atos de Khomeini foi a publicação, em 1989, de uma *fatwa*, julgamento religioso condenando Salman Rushdie, o autor indiano-inglês muçulmano dos *Versos satânicos*, à morte por blasfêmia. O Irã adotou uma das causas dos islamistas europeus: apesar de Rushdie ser cidadão britânico e estar fora da jurisdição do Estado iraniano, Khomeini avaliou que a xaria tinha alcance universal para todos os muçulmanos onde quer que estivessem, e que as fronteiras nacionais (inclusive as iranianas) tinham apenas valor relativo. Aprofundou-se a crise entre o Irã e o Ocidente. Quando “o imã” faleceu, o Irã havia se tornado um Estado pária, isolado, acusado de abrigar e incitar terroristas e inspirava medo e repugnância mais do que simpatia e imitação. O ímpeto da revolução fundamentalista parecia estar desgastado (DEMANT, 2004, 521 p.).

Khomeini chega ao poder já idoso, no seu lugar. Todavia, a sua ideologia é perpetuada. “A continuidade política, porém, estava garantida: Khamenei o sucedeu como supremo líder religioso enquanto o mais político Ali Akbar Hashem Rafsanjani, que controlava o parlamento, tornou-se presidente. De imediato, o equilíbrio entre parlamento e conselho se manteve intacto” (DEMANT, 2004, 521-22 p.). Outro ponto a ser destacado - é que nos anos 1990 é pintado o quadro de oposição da luta Conservador-Reformistas.

Durante os dois mandatos de Rafsanjani, um reformador autêntico começou a desafiar o sistema: o respeitado *sayyid* Mohammad Khatami, *mulla* reformista. Os temas da controvérsia são as normas sociais, as liberdades políticas, a abertura ou o fechamento ao mundo. Mas também os problemas econômicos que pioraram nos anos 1990, mais ou menos em sincronia com as oscilações do preço do petróleo, principal fonte de renda do país (DEMANT, 2004, 522 p.).

É nessa década, que prolifera uma Nova Geração não tão tradicional, que bebe um pouco das ideias ocidentais. Almejavam “liberdade” e “recursos ocidentais”. Pois, para essa geração o Regime Tradicional, não é um paradigma. Em outro extremo é um equívoco falar de um Anti-Islamismo, e sim uma Reforma na visão dos antigos, para eles apenas um modelo de vida, mais moderno.

A tendência reformista deseja reintegrar o Irã no mundo como um Estado “normal”, defende um diálogo em vez do choque entre as civilizações e não mais rejeita *a priori* a globalização. A vontade de exportar a revolução islâmica tem se dissipado no meio desse novo “campo da modernidade”. Tudo isso aponta para um afastamento do Estado islâmico e aproximação ao modelo do “islã como identidade cultural” (DEMANT, 2004, 523 p.).

Nas ideias de Khomeini, o Regime de Governo do Irã seria Republicano; Constitucionalista. “Justamente por isso o governo se beneficia de uma legitimidade ainda

incomparavelmente maior do que em qualquer um dos países árabes pró-ocidentais” (DEMANT, 2004, 524 p.). Assim, desde os anos de 1990 dialoga o fenômeno manifestação-repressão.

Eleições presidenciais em 1997 levaram Khatami ao poder – com os votos das camadas cultas e profissionais, das mulheres e dos jovens. Khatami pôs em curso uma liberalização cautelosa, abrindo espaço a discussões nas mídias, nos campi universitários etc. Por mais moderado que seja, Khatami não poderia entretanto evitar uma contrarreação fundamentalista dos tradicionalistas entrincheirados em torno de Khamenei. Devemos notar que apesar de seus 70% de voto popular, os reformistas não dispõem de recursos. Sua “superioridade moral” é mais óbvia para seus simpatizantes no resto do mundo do que para seus rivais mais fundamentalistas, cujos valores são completamente opostos. Estes se consideram mais, e não menos, moralmente corretos do que seus desafiadores (DEMANT, 2004, 524-25 p.).

Segundo Peter os Fundamentalistas se divertem manipulando as estruturas de poder, eles conseguiram penetrar dentro do aparelho estatal, “a lei e os juízes, a polícia e os guardiões revolucionários, o exército e os serviços secretos – além do dinheiro e das mídias oficiais, bem como dispõem do apoio tácito das classes menos instruídas e mais tradicionalistas” (DEMANT, 2004, 525 p.). Mas, a grande realidade é que Khatami continuou no poder – após ser eleito em 2001.

Desde o 11 de setembro de 2001, os norte-americanos enquadram o Irã no “eixo do Mal” – por dar apoio a terroristas e por seu programa nuclear, e, em consequência, a posição política dos fundamentalistas só tem se reforçado. No fim de 2002, estes condenaram à morte o professor Muhammad Aghajari, cujo único crime foi criticar o regime. No curto prazo, o futuro dos dissidentes não parece promissor. Será interessante acompanhar essa evolução. Em consequência, o Irã vem há muito perdendo seu papel de vanguarda na “internacional islamista”. Qualquer que seja o resultado deste cabo de guerra, as consequências serão provavelmente limitadas, já que a liderança islamista vem passando aos sunitas extremistas (DEMANT, 2004, 525-26 p.).

HEZBOLLAH²⁵.

Segundo Peter Demant, a Guerra Civil desestabilizou o Líbano, que estava era controlado pelas Comunidades Religiosas, “só que sem uma elite suprema como a turca para garantir o equilíbrio e dentro de um país que estava se modernizando e se secularizando de maneira muito desigual” (DEMANT, 2004, 527 p.). As Comunidades Xiitas eram 32 % da população; eram pobres e atrasados.

Em sua maioria camponeses, os xiitas se encontravam concentrados em dois bolsões: em Jabal Amil no sul, ao lado da linha de armistício com Israel, e no vale do Bekaa, perto da Síria. A crise econômica e política transformou muitos deles em refugiados desenraizados que foram para as favelas de Beirute ocidental. A transformação desta comunidade humilde e passiva num bloco reivindicante foi consequência do trabalho de uma pessoa obstinada: o imã Mussa Sadr, *mulla* iraniano descendente dos ulemás xiitas que os safávidas

²⁵ Partido de Deus.

importaram no século XVI para converter os iranianos (DEMANT, 2004, 527-28 p.).

Na década de 1960, Mussa Sadr tornou-se um paradigma no Líbano. “Ele ensinou que os tiranos que oprimiam os xiitas eram *yazids* modernos, que o *jihad* consiste na batalha contra a injustiça dos poucos contra os muitos, que o *jihad* agrada a Deus e que Ele ajudará a quem ajuda a si mesmo” (DEMANT, 2004, 528 p.). Resulta no surgimento do Grupo Amal. A década de 1970 cresce o fenômeno do ativismo xiita. Isso o que parece realçar o ódio.

Os xiitas não gostavam nem dos judeus nem dos palestinos e muitos fugiram para Beirute. Quando a guerra civil eclodiu, os xiitas integraram – como sempre, como parceiro menor – o bloco muçulmano-progressista, que contestava a hegemonia maronita-direitista. Pressionado entre maronitas, druzos, sunitas e palestinos, Mussa Sadr reorganizou o Amal como a própria milícia de auto-ajuda dos xiitas, com apoio financeiro do líder líbio Kadafi que, em caso bastante raro, considerava a riqueza petrolífera de seu país como um direito comum a todos os muçulmanos, repartindo-a entre grupos anticristãos e antissionistas (DEMANT, 2004, 528-29 p.).

O ano de 1978, alguns líderes vão até o Líbano. Primeiramente, rompem com Kadafi, e depois, (...) fuzilou Mussa Sadr. O que assume em seu lugar é Nabih Berri, que já pensa em democracia, e consenso. “Tal visão, evidentemente, provocou a reação dos fundamentalistas xiitas, incentivados pelo êxito da revolução iraniana” (DEMANT, 2004, 529 p.). Segundo Peter Demant: “Tal é a origem do Hezbollah, ou Partido de Deus, estabelecido por dois islamistas radicais, os xeiques Muhammad Hussein Fadlallah e Hussein Mussawi. Ao contrário do Amal, entretanto, o Hezbollah está comprometido com a ideia do Estado islâmico” (DEMANT, 2004, 529-30 p.). Ao mesmo tempo, no Afeganistão a Instituição Mujahaddin, ativistas islamistas “o primeiro movimento islamista a se definir primariamente por meio de sua luta armada contra um ocupante vindo de outra civilização e incompatível, a seu ver, com o islã. Desta maneira o Hezbollah faz uma ponte com a terceira onda fundamentalista – a atual” (DEMANT, 2004, 530 p.). O ano de 1982 é marcado pela ocupação de Israel, na região do Líbano. Contribui para a notoriedade do Hezbollah. Essa ocupação gera desdobramentos, devido às ações de Israel: eliminam do Líbano e OLP, e com ela via o anarquismo local, se não por completo, pelo menos parte dele. “Estes transformaram o Líbano num campo de experiências para o “choque de civilizações”: a muçulmana, a ocidental e a judaica” (DEMANT, 2004, 530 p.). Com isso os Xiitas respondem:

A ocupação israelense logo despertou uma feroz resistência xiita. Com aval sírio e apoio militar iraniano, o Hezbollah iniciou as primeiras operações de “martírio” que expulsaram os norte-americanos do Líbano e, mais gradativa-

mente, os israelenses, que em 1986 recuaram para sua “linha de segurança”. Na situação anárquica que prevaleceu após 1983, os xiitas combateram tanto os cristãos quanto os palestinos na infame Guerra dos Campos e conquistaram Beirute ocidental. Quando a guerra terminou em 1991 sob protetorado sírio, ela criou, mediante inúmeros atos de limpeza étnica, espaços comunitários homogêneos (DEMANT, 2004, 531 p.).

Contudo, é inegável a participação política do Hezbollah no Governo Sírio, e a sua tolerância para como o grupo. As guerras contra Israel nunca findaram. “Porém, o partido continuou sua acirrada “guerra de baixa intensidade” contra Israel, ocultando do mundo externo sua face fundamentalista em favor de uma imagem de movimento de libertação nacional” (DEMANT, 2004, 531 p.). O ano de 1992 é marcado pelo assassinato de um parente de Mussawi. A resposta do Hezbollah é altura: “em provável articulação com o Irã, com uma bomba na embaixada israelense em Buenos Aires, matando 29 pessoas. Não foi a primeira vez que o conflito com Israel se travou no exterior, mas foi provavelmente a primeira vez que isto ocorreu do lado islamista” (DEMANT, 2004, 531-32 p.). O modo de guerrear apenas vem sofrendo algumas mutações, sem que acabe.

Em 1996, após uma série de mísseis xiitas, Israel lançou sua Operação Vinhas da Ira que matou cem civis libaneses, gerando um escândalo internacional que se voltou contra seus próprios interesses. A luta se exacerbou nos anos seguintes, com mais “mártires” muçulmanos que serviriam de exemplo a outros. Crescentes baixas israelenses desmoralizaram o Estado judeu. Este êxito islamista sem dúvida estimulou a segunda intifada palestina, que começou em setembro de 2000, com presença islamista predominante. Ainda poucos meses antes, o novo governo de Barak retirara o exército israelense do Líbano após dezoito anos de ocupação. Os ataques do Hezbollah, porém, continuam sem interrupção (DEMANT, 2004, 532 p.).

OS XIITAS DO IRAQUE.

Segundo Peter Demant, os locais sagrados para os Xiitas estão no Iraque, e ganharam importância teológica há pouco tempo. Os Xiitas estão no Iraque recentemente. Apesar de, serem cerca de 60% da população. “Porém, no século XX, elas escolheram rumos políticos opostos. A minoria sunita chegou a monopolizar o poder e a desprezar e discriminar os xiitas” (DEMANT, 2004, 533 p.). O Iraque é uma Antiga Província dos Otomanos, que depois de 1918 fica sobre a dominação do Império Britânico. Assim, os Ingleses favorecem a minoria sunita. Mas, o ponto comum é que, tanto sunitas como xiitas não se encurvaram a dominação inglesa. E cada grupo tem uma bandeira ideológica: os Sunitas são Pan-Arabista, e os Xiitas Particularistas.

A *wataniyya* xiita inspirou a revolução antiocidental de 1958, mas quando os pan-arabistas sunitas do Ba’th chegaram ao poder dez anos mais tarde, os xii-

tas se viram mais uma vez excluídos. O regime ba' thista de Saddam Hussein foi secularista, baseou-se num clientelismo centrado nas tribos sunitas de Tikrit (lugar de origem do ditador) e se expressou de forma hostil e às vezes racista contra os xiitas. O Estado sunita manteve seu poder através do controle do exército (ainda que a maioria dos soldados comuns fossem xiitas), além de uma combinação de cooptação e repressão das elites xiitas. Saddam eliminou membros das linhagens prestigiosas dos Hakim e Sadr (DEMANT, 2004, 534 p.).

Enquanto, Saddam Hussein aniquila toda oposição. Todavia, só ficam de pé os Chefes Religiosos dos Xiitas. “O xiismo iraquiano difere alias do iraniano, sendo menos exaltado” (DEMANT, 2004, 535 p.). A Revolução Iraniana gera uma ebulição de ações no interior do Xiismo “atentados terroristas deram ao regime ba' thista o pretexto para um sangrento expurgo” (DEMANT, 2004, 535 p.). Os eventos só apimentam as coisas, após a Guerra do Golfo o islamismo sofre uma mutação.

De qualquer forma, a passividade relativa dos islamistas terminou após a primeira Guerra do Golfo. O armistício de 1988 foi logo seguido pelo fim da Guerra Fria. O fim da competição EUA-URSS trouxe ao Oriente Médio uma breve fase de relativo relaxamento internacional e de abrandamento das tensões interestatais. As tensões internas, porém, se aprofundaram, o que foi perigoso particularmente para regimes ditatoriais como o Iraque: a situação iraquiana constituiria o traço de união que leva nossa discussão da segunda para a terceira e mais recente onda fundamentalista muçulmana (DEMANT, 2004, 536 p.).

A TERCEIRA ONDA ISLAMISTA (1991-2001): O ISLAMISMO CONTRA O ISLÃ.

Segundo Peter Demant, Gilles Kepel e Olivier Roy estruturaram o Fundamentalismo em três dimensões. Primeira, são nos anos de 1960-70 tem como pano de fundo a descolonização do Terceiro Mundo. O Fundamentalismo ainda era um fenômeno da Elite. A Segunda Dimensão se localiza nos anos de 1980. “A militância dessa geração se baseou numa coalizão entre intelectuais islamistas, a classe média religiosa e conservadora e massas de excluídos tradicionalistas recém-urbanizados” (DEMANT, 2004, 538 p.). Os anos de 1990:

Na última década, ele observou uma nova e terceira geração mais fraca de islamistas, desmoralizada pela feroz repressão e pelas consequências da guerra Irã-Iraque; o terrorismo se fragmenta e os movimentos islamistas estão evoluindo para rumos divergentes; a coalizão de classes que apoiou o islamismo se desfaz: da perspectiva do início dos anos 90, ele prediz que o islamismo, se não desaparecer propriamente, se tornará na verdade um movimento ideológico entre muitos concorrentes no mercado político do mundo muçulmano. O autor aponta particularmente para o crescimento de um islã alternativo, mais individual e relativamente apolítico, que ele chama de neofundamentalismo. Roy interpreta esta nova religiosidade como uma globalização ou mesmo ocidentalização do islã (DEMANT, 2004, 539 p.).

Para Demant, Samuel Huntington é mais um reducionista, que como tantos outros o próprio tempo o derruba. Pois, o que um Intelectual não é o dono da verdade. “O artigo de Huntington foi um *hit* instantâneo, mas sua tese provocativa foi duramente criticada – entre outros por especialistas sobre o islã e o Oriente Médio – por ser reducionista, indevidamente culturalista e alarmista demais” (DEMANT, 2004, 541 p.). A verdade é que Gilles Kepel e Olivier Roy estavam errados, isso é indiscutível. “No lugar do fracasso previsto por Roy e Kepel, o islamismo aparenta crescer, vencer e atrair cada vez mais seguidores. Além disso, sua atuação parece cada vez mais fortemente movida por um antiocidentalismo que provoca ecos fora do próprio mundo muçulmano. Esta exacerbação leva a crer que o confronto é inevitável” (DEMANT, 2004, 541 p.). Deve ser entendido que o conceito *choque de civilizações* é de Mawdudi. O Fundamentalismo é visto como um escândalo para os não Radicais. O Fatalismo é uma Construção da Direita que tenta envenenar o mundo contra o Islã, como se todos concordassem com os Fundamentalistas ou fossem.

Certamente, tal fatalismo condiz perfeitamente com a ideologia de certos meios direitistas nos EUA e na Europa. Além disso, a tese da luta inevitável e contínua entre o islã e o Ocidente faz parte integrante da ideologia dos próprios islamistas. Não foi Huntington, mas sim Mawdudi e Qutb os autênticos inventores do conceito de “choque das civilizações”. Trata-se, contudo, de uma ideologia fanática e específica que entristece milhões de outros muçulmanos que vivem sua fé como fonte de inspiração para uma coexistência humana baseada na compaixão e no pluralismo. Os mais moderados veem na versão fundamentalista uma caricatura do islã; em vez do choque, eles defendem o diálogo entre as civilizações (DEMANT, 2004, 541-42 p.)

O Presidente do Irã, Mohammad Khatami é favor do diálogo. “Sem dúvida há igualmente muitos não muçulmanos no Ocidente que preferem este caminho ao da colisão. Contudo, é inegável que nos últimos anos, numa série de países muçulmanos, o fundamentalismo tem conquistado mais e mais terreno na opinião pública e na política, e que os “islãs” alternativos estão na defensiva” (DEMANT, 2004, 542 p.).

AS SETE MARCAS DO FUNDAMENTALISMO ATUAL.

Segundo Peter Demant, o Fundamentalismo atual tem sete marcas:

a maioria dos quais são, no entanto, “subterrâneos”, sendo só os últimos três dramaticamente visíveis: trata-se de uma islamização (1) da política, (2) da sociedade civil e (3) da cultura, que se acompanha da (4) construção de um islã internacional. Este complexo de processos inter-relacionados é estimulado – e estimula reciprocamente – (5) a luta fundamentalista aberta e militar numa série de novas frentes ou focos regionais que transcendem o quadro do Oriente Médio, (6) a islamização das diásporas muçulmanas dentro do mundo ocidental e chega a seu auge (provisório) na (7) guerra internacional desencadeada por Osama bin Laden – que por si constituiu o estopim da guerra do Iraque (DEMANT, 2004, 546-47 p.).

Regimes políticos no Oriente Médio hoje.

Segundo Peter Demant, o intervalo da primeira para a segunda houve uma estabilidade hipócrita. O Oriente Médio passou por ebulições como a Revolução Iraniana; a guerra Irã-Iraque e a invasão russa ao Afeganistão. Esses problemas internos foram apimentados pelo cenário internacional - a guerra Fria. Outro momento de calma foi a guerra Civil Libanesa.

A guerra civil libanesa se aprofundou sem saída visível enquanto os iranianos tentavam exportar seu modelo. Sofrendo os golpes do exército de Saddam Hussein, a fase revolucionária iraniana fracassou e terminou com o armistício de 1988. E com isso entramos numa nova fase de mudanças repentinas. De 1989 até 1991, seguiu-se o fiasco russo no Afeganistão e sua retirada; o colapso do comunismo na Europa oriental e o fim da Guerra Fria; a implosão da URSS e sua fragmentação em quinze novos Estados independentes, entre eles seis muçulmanos: Azerbaijão, Cazaquistão, Turcomenistão, Uzbequistão, Quirguistão e Tajiquistão; e a primeira guerra internacional pós-Guerra Fria, que opôs uma coalizão internacional ao Iraque (DEMANT, 2004, 549 p.).

Para o Mundo Árabe-Muçulmano, o Mentor da Guerra do Golfo são os EUA, e eles foram a barreira, que impediu a libertação Árabe. A guerra Do Golfo: “ela marca, dessa forma, uma virada nas relações, já pouco amistosas, entre o centro médio-oriental do mundo muçulmano e o centro norte-americano do primeiro mundo” (DEMANT, 2004, 550 p.). Essa guerra teve desdobramentos islâmicos.

Do ponto de vista árabe, a guerra entre o Irã e o Iraque foi um sucesso. O poder militar iraquiano destruiu o potencial de expansão iraniano – potencial que ameaçara desencadear uma revolução islamista em todos os países do Oriente Médio (o que teria acabado com todos seus regimes existentes), além de estabelecer a hegemonia persa no mundo árabe. Particularmente nos últimos estágios da guerra, o ditador iraquiano Saddam Hussein conseguiu dar a cartada nacional-racial do antagonismo histórico árabe-persa, e obtivera o apoio árabe e internacional (DEMANT, 2004, 550-51 p.).

O fim de guerra contra o Irã gera promessas de futuras guerras. “A população, da mesma forma, era doutrinada a esperar de seu líder novos atos em prol da nação árabe. O Iraque, então, aumentou consideravelmente seu poderio bélico” (DEMANT, 2004, 552 p.). Os árabes tentam de todas as formas conter o Irã. Todavia, isso só agita demônio da garrafa.

Não demorou muito para essa panela de pressão explodir. “Crimes de honra” (ou seja assassinios, por membros da própria família, de mulheres suspeitas de transgressões sexuais, para resgatar a honra comprometida) e outros sinais de crise social aumentaram no Iraque. Como medida de contenção, o regime massacrou centenas de trabalhadores egípcios. Em seguida, Saddam intensificou sua campanha genocida contra os curdos. Em agosto de 1990, ele ocupou e anexou o Kuwait, liquidando desta maneira a dívida iraquiana gigantesca para com aquele país. O Iraque ameaçou também o território da Arábia Saudita e dos outros Estados no Golfo (DEMANT, 2004, 552 p.).

Em meio a esse contexto, a Potência de destaque era o Iraque, – é redesenhado o mapa do mundo árabe. A ONU acaba intervindo, e quando joga no ventilador a ocupação iraquiana no Kuwait; exige e restringe o País. Ao mesmo tempo, surge uma coalizão de Direita EUA-FRA-ING: “mandaram com urgência centenas de milhares de soldados: esta força multinacional da “Operação Escudo do Deserto” funcionou como barreira que neutralizou a ameaça iraquiana: logo, quem estava ameaçado era o próprio Iraque. Contudo, Saddam não recuou, seja para não perder prestígio, seja por erro de cálculo” (DEMANT, 2004, 553 p.). Acabou tendo um racha no Oriente Médio, pois, a grande parte dos Governos Árabes apoiaram o Ocidente. Alegando duas ideias: a “legitimidade internacional” e a “Soberania do Estado”.

Porém, Saddam foi adorado e festejado como herói pelas massas árabes de Amã até Rabat. Inteligentemente, não negou a retirada do Kuwait, mas a vinculou à retirada israelense dos territórios palestinos – ocupação que os Estados árabes tinham sido incapazes de afastar havia quase 25 anos. Saddam Hussein imediatamente se tornou a esperança dos palestinos e de milhões que se identificavam com eles. Entretanto, ele não conseguiu este apoio popular árabe apenas por sua posição militante frente a Israel, que prometera incendiar (DEMANT, 2004, 553 p.).

Para Peter Demant, Saddam Hussein via a divisão geográfica do Oriente Médio arbitrária, e que o Iraque devia tomar à frente desse redesenho: “por trás da anexação, manifestaram-se tanto a esperança de uma partilha mais equitativa das riquezas petrolíferas quanto a de uma postura mais assertiva para com as antigas forças coloniais” (DEMANT, 2004, 554 p.). Isso tem um grande apoio dos países árabes, e acaba sendo comparado a Saladino, o libertador do Islã diante dos Cruzados.

O que mais surpreende é a identificação muçulmana religiosa com um regime secularista que acabou travando uma guerra contra o Irã islamista. Porém, foi justamente sua arrojada tentativa de desafiar a ordem mundial traçada pelo Ocidente que garantiu a Saddam Hussein o aval de muitas autoridades islâmicas do mundo árabe, que se reuniram em janeiro de 1991 em Bagdá. Repentinamente, Saddam Hussein se tornara um “bom muçulmano”; para os islamistas, era o líder que implementaria o programa para derrotar o Ocidente. Houve até vozes para proclamá-lo como novo califa. O regime Ba’athista secularista imediatamente adaptou sua ideologia às novas condições; escreveu *Allahu akbar*, “Deus é o maior”, na bandeira, e passou a evocar Deus em cada discurso. O Irã não teve alternativa senão apoiar, pelo menos nominalmente, aquele que até recentemente tinha sido seu inimigo, contra qualquer “ataque” de outro país muçulmano (DEMANT, 2004, 554-55 p.).

Mesmo com esses posicionamentos ideológicos de Saddam Hussein, tanto nacionalista com religioso, não contém o esse rio Iraque-Kuwait que desemboca em um oceano de sangue. “Em 1991, na “Operação Tempestade do Deserto”, a aliança ocidental (...) desalojou o Iraque do Kuwait, restaurou o *status quo* anterior e quase derrubou

Saddam do poder” (DEMANT, 2004, 555 p.). No fim da guerra, ambos os lados sofreram.

Os aliados incitaram revoltas dos curdos no norte e dos xiitas no sul, mas ao final preferiram manter a integridade territorial do Iraque. A insurreição curda estabeleceu um regime autônomo de “abrigos seguros” (*safe havens*) sob patrocínio da ONU; mas a xiita foi duramente esmagada. O exército iraquiano foi parcialmente destruído; seus mísseis e armas ilegais foram neutralizados por um sistema de inspeções internacionais. O governo de Saddam estava abalado: para enfraquecê-lo ainda mais, um rígido regime de sanções econômicas foi imposto. A população iraquiana foi penalizada, o país desceu a ponto de tornar-se um dos mais pobres do mundo, mas Saddam Hussein permaneceu no poder e essa situação, contraditoriamente, até fortaleceria sua autoridade (DEMANT, 2004, 555-56 p.).

A Guerra é mais uma de tantas tentativas para reerguer os Estados Nacionais do Oriente Médio. Todavia, também se percebeu uma impopularidade dessa ideologia por grande parte da população. “A legitimidade da maioria dos regimes não se restaurou nos anos seguintes, e por esta brecha entraram os islamistas com sua proposta imune a derrotas terrestres, pois inscrita no eterno plano divino” (DEMANT, 2004, 557 p.). O reflexo e materialização disso foram à contestação que sofreram os Governos Árabes.

É possível falar de uma crise do Estado árabe. Após a Guerra Fria, um bloco de regimes progressistas cessou de existir: basicamente todos os regimes se voltaram para o Ocidente, mas nem a estratégia neoliberal lhes trouxe o desenvolvimento esperado. Com a exceção parcial do Líbano e da Palestina, todos são autoritários; com eficientes meios repressivos, embora pareça haver razoável estabilidade: não houve na última década novos golpes nem revoluções (DEMANT, 2004, 557 p.).

Depois do Governo, quem senti a pressão popular no Oriente Médio. “Generalizando, observa-se o paradoxo: onde houve democratização, houve simultaneamente crescimento e legitimação da tendência fundamentalista” (DEMANT, 2004, 557-58 p.). A pressão nunca gerou realmente uma democratização. O comum acabou acontecendo, ou seja, a pressão racha, mas, não derruba o muro. “Quanto mais uma sociedade se islamiza, mais seu governo não islâmico fica esvaziado da justificativa ideológica, e seu único recurso é a violência: assim acaba por perder legitimidade, tornando-se vulnerável a golpes futuros” (DEMANT, 2004, 560 p.). Em suma, o Oriente vive um pouco de paralelos opostos: “a total abertura, com seu risco de fugir ao controle, e a repressão completa, com o risco inerente de explosão popular, como o Irã pré-1978 ou o Iraque de Saddam”.

O contraexemplo da Argélia.

Segundo Peter Demant, a solução argelina foi democratização em prol da sobrevivência do Regime, que em meio a esse processo quase termina com a chegada ao poder de Fundamentalistas. A FLN governa desde os anos de 1960, quando conquistam a independência diante da França, a Argélia era um governo de Esquerda Anti-imperialista, ninguém se preocupava com o seu modelo de Governo, pois, a sua economia caminhava bem com o seu carro-chefe, o gás natural. Na Argélia, a Elite fica a frente do País, após a independência.

Vinte anos depois, o desenvolvimento estancou e a FLN se tornou símbolo da corrupção do poder. Em 1988, uma nova geração foi para as ruas pedindo a democratização e o fim do unipartidarismo. O regime cedeu: por um breve momento, a Argélia deu a impressão de uma Primavera de Praga ou de uma *Solidarnosc* norte-africana. Surgiram grupos democráticos, liberais, feministas e étnicos dos berberes cabiles, entre outro (DEMANT, 2004, 562 p.).

O espaço aberto é ocupado, principalmente, a Frente Islâmica de Salvação (FIS). Não chegam ao poder como maioria. Mas, se tornaram uma pedra no sapato. “Se este movimento tivesse chegado ao poder, não há dúvida de que teria abolido a jovem democracia argelina e estabelecido um regime fundamentalista” (DEMANT, 2004, 563 p.). Não chegam a governar. A FLN dá um golpe – frea qualquer tentativa da FIS. “Assim fracassava a experiência democrática; começou então uma repressão oficial aos islamistas, que responderam com uma violência feroz” (DEMANT, 2004, 563 p.). O fruto disso é o descongelamento de uma cachoeira de sangue que passa a banhar o Oriente Médio.

O país mergulhou num ciclo interminável de terrorismo, tanto por parte dos islamistas quanto do Estado. Os islamistas mataram autores e artistas progressistas, mas atacaram particularmente os civis neutros. A FIS foi logo ultrapassada pelos GIA, Grupos Islâmicos Armados, fundamentalistas argelinos que foram como voluntários para o Afeganistão. A luta conjunta com os *mujahidin* afegãos constituiu uma experiência formativa. De volta à Argélia, os “afegãos” se especializaram em atos de barbaridade tais como a execução de dezenas (às vezes centenas) de habitantes indefesos de aldeias, cortando indiscriminadamente a garganta de mulheres, crianças e velhos. Qualquer objetivo estratégico que pudessem ter tido logo se dissolveu num banho de sangue, onde causa e efeito se confundiram. Até 2000, essa guerra civil havia custado a vida de aproximadamente cem mil civis, numa população de 31 milhões. O fim informal da matança insensata se realizou em 1999, com a eleição do antigo político da FLN Ahmad Bouteflika como novo “presidente da reconciliação”. Porém, o término da carnificina talvez tenha sido apenas uma pausa para retomar o fôlego. Em janeiro de 2003, assassinos anônimos mataram outras cem pessoas (DEMANT, 2004, 563-64 p.).

O contraexemplo da Turquia.

Segundo Peter Demant, a Turquia é um País Democrático. Após, a fatiamento do Império Otomano. Em 1922, Kemal Ataturk organiza a saída da Turquia do Império Religioso. “Atatürk usou algumas estratégias para modernizar o país: a despolitização do exército, uma burocracia estatal guiada por um partido único com ideologia secularista e a introdução de leis ocidentais – entre outras, a abolição da poligamia” (DEMANT, 2004, 565 p.). A Turquia de Ataturk foi diferente do Mundo Árabe por três razões. Primeiro, fez das sapatas étnicas do Império Otomano, a base para uma pluralidade homogênea. Segundo, a homogeneidade religiosa – o estado Turco é Laico. “O vínculo entre Estado e Igreja foi quebrado, a religião relegada à vida privada, a educação religiosa, severamente limitada, e o contato com o passado radicalmente cortado pela alfabetização em alfabeto latino” (DEMANT, 2004, 566 p.). E para finalizar: “A terceira diferença é que a independência e neutralidade foram usadas inteligentemente para estabelecer as bases de uma industrialização e de uma burguesia nacional, ao contrário da situação colonial (...) dependente no Egito, Líbano, Jordânia e outros países árabes” (DEMANT, 2004, 566-67 p.). A Turquia nunca chegou ao patamar para do Japão, mas, nunca ficou no outro extremo, ou seja, no nível do Egito.

Assim, a democratização gerou uma extrema polarização entre a direita e a esquerda – polarização que repetidamente ameaçou paralisar a governabilidade. Em três ocasiões, o exército, herdeiro e guardião da legalidade kemalista, interveio e reprimiu as oposições, sendo a última em 1980. O governo militar, entretanto, rapidamente reintroduziu uma democracia parcial, e sob Turgut Özal o país embarcou num curso neoliberal. A Turquia, já bastante secularizada, vem se alinhando mais ao Ocidente; a elite deseja ardentemente integrar a União Europeia – uma aproximação várias vezes e unilateralmente rejeitada com a justificativa de violações de direitos humanos e de uma economia ainda estadista e fechada demais. A rejeição pelos europeus (provavelmente uma questão mais civilizacional do que econômica, e recentemente algo qualificada) é humilhante para os turcos, o que pode estimular uma reorientação para o mundo muçulmano (DEMANT, 2004, 567-68 p.).

Para Demant, até os dias atuais a Turquia é uma Democracia estável, consistente com experiências boas e uma Sociedade Consciente. “Por trás da cortina, no entanto, mantém-se o poder do exército enquanto garantia do secularismo, uma sutil partilha de autoridade que parece ter o aval da maioria, bastante assustada pela memória da violência nas ruas, nos anos” (DEMANT, 2004, 569 p.). Tudo isso tem um alto preço, ele passou por uma crise financeira nos anos 2000. A Turquia passou a ser um grande jogador nessa política mundial. “A Turquia, que ocupa uma posição central de ponte entre os mundos ocidental e muçulmano, apresenta portanto uma experiência ainda única, e um precedente potencialmente importante de integração entre uma democracia pluralista

com uma identidade coletiva que se (re)afirma muçulmana” (DEMANT, 2004, 570 p.).

O modo de governo Turco gera uma nova Igreja.

A descontinuidade imposta pelo kemalismo gerou uma “Igreja islâmica” um tanto semelhante às Igrejas cristãs na Europa ou nos EUA. As reivindicações do movimento islamista turco são culturais, não políticas: mais mesquitas, mais educação religiosa, mais respeito às normas da religião (“valores familiares”), mas ele não contesta a separação e a privatização da religião. Com isto, está mais próximo de partidos conservadores ocidentais tais como os cristão-democratas alemães ou os republicanos nos EUA do que do Jihad de Qutb. Ao lado da lenta islamização, no entanto, o paradigma modernizador-ocidentalizador-pluralista também continua se fortalecendo em questões críticas tais como a gradual queda da repressão cultural contra os curdos, a abolição da pena de morte, a emancipação da mulher, a receptividade ao turismo ocidental, entre outras. O veredicto final ainda não está dado (DEMANT, 2004, 571 p.).

A islamização da esfera social.

O Fundamentalismo passou a ser mais sentido no meio social. “Para a expansão da base islamista, provavelmente não há luta mais decisiva do que aquela pelo controle da sociedade civil” (DEMANT, 2004, 571 p.). O Estado Mulçumano tem se desdobrado nos últimos anos para tender novas perspectivas. Uma espécie de Estado de Bem-Estar-Social. “No Império Otomano, por exemplo, o sultanato cuidava primariamente – e nem sempre com grande eficiência – da segurança militar, tanto contra invasores externos quanto contra bandidos e outros estorvos internos. O sustento para tal responsabilidade implicava em impostos e um corpo de funcionários públicos para sua arrecadação” (DEMANT, 2004, 572 p.). O Sistema Público era o organizador da economia. “Além disto, a competência do Estado se limitava essencialmente à manutenção da supremacia do islã, o que por sua vez requeria um outro corpo paralelo de funcionários religiosos” (DEMANT, 2004, 572 p.). Todavia, nem o sultão era o dono da Lei, e sim, Deus, “formalmente, a tarefa do califa se reduzia a manter o quadro político dentro do qual os súditos pudessem se dedicar a seus deveres religiosos e sociais” (DEMANT, 2004, 572-73 p.). Hoje é o Estado que Controla as Comunas. Mas, algumas responsabilidades recaem sobre as mãos das Comunidades Locais. “Porém, a grosso modo, o sistema funcionava, e o islã trazia consigo a conscientização da obrigação mútua entre os fiéis, que contrasta favoravelmente com a indiferença, religiosa ou ideologicamente legitimada, que se observa em certas outras civilizações” (DEMANT, 2004, 573 p.).

Segundo Demant, a Modernidade corroeu com o Sistema. Muitas coisas ajudaram para que isso acontecesse: Propriedade privada; a secularização da Educação; o

individualismo; a urbanização, “o Estado substituiria a maioria das responsabilidades antigamente comunais, compensando deste modo as perdas. Funcionou durante certo tempo – pelo menos parcialmente” (DEMANT, 2004, 574 p.). Os últimos anos fazem o sepultamento desse sistema.

Só que esse sistema tem sido completamente minado nas últimas décadas. O desenvolvimento, mesmo quando ocorria na realidade e não somente nos discursos oficiais e nas propagandas, ficou atrás do crescimento populacional, estimulado pelos avanços na saúde pública. Com a exceção – parcial e temporária – dos Estados exportadores de petróleo, a renda estatal tem diminuído e, com isso, reduz a possibilidade de providenciar benefícios para uma população cada vez mais numerosa. A liberalização abriu cada vez mais Estados a importações de produtos industriais baratos, ameaçando produtores locais. A privatização tirou mais empregos do que gerou. A burocracia, a instabilidade política, as guerras e a insegurança impediram investimentos estrangeiros. No entanto continua, cada ano mais intensa, a crise socioeconômica. Com a incapacidade do Estado de enfrentá-la, o Oriente Médio vive o fracasso da modernização neoliberal (DEMANT, 2004, 574 p.).

Segundo Peter Demant, o Fundamentalismo vem preenchendo o buraco deixado pelo Estado. Esse fenômeno ocorre em diversos lugares. Não há distinção. É só haver o espaço, das coisas mais simples as mais complexas.

movimentos islamistas assumem a responsabilidade pelos serviços elementares que o Estado já não consegue prover: creches, escolas, maternidades, hospitais, clubes sociais, esportes, socialização da juventude, apoio financeiro aos indigentes etc. se organizam ao redor da mesquita – ou, mais corretamente, de algumas mesquitas específicas aliadas ao movimento fundamentalista e financiadas por ele. Muitas vezes o trabalho é feito por voluntários num exemplo de entrega idealista, em lugar da degeneração que mancha instituições oficiais, como por exemplo nos territórios palestinos, onde a corrupção da Autoridade Palestina, de Arafat, é notória. A abnegação do Hamas nos serviços médicos e educacionais e, dada a pobreza pungente, nas suas aposentadorias para famílias de “mártires” (homensbomba) constitui uma propaganda que atrai mais e mais palestinos a apoiar a tese de que “o islã é a solução” (DEMANT, 2004, 576-77 p.).

O Fundamentalismo constrói uma redoma ideológica quase que intransponível. “Eles constroem assim um espaço de “contracultura” progressivamente imune ao Estado, e que serve de campo de recrutamento para os movimentos. A penetração fundamentalista na sociedade civil levou a uma impressionante expansão do apoio popular ao islamismo” (DEMANT, 2004, 577 p.).

A islamização do “campo discursivo” e da cultura.

O Fundamentalismo controla a Sociedade Civil ideologicamente, ele penetrou na Sociedade. No Egito, por exemplo, o islamismo tem se propagado. “Mais egípcios abra-

çam o projeto de um Estado islâmico, baseado na xaria como constituição: o antiocidentalismo abrange amplas seções da população. Isto implica ainda que posições secularistas têm sido violentamente silenciadas” (DEMANT, 2004, 578 p.). Farag Fodah e Nanguib Mahfouz são evidências de pressão intimidadora, “a gama do que se pode discutir na esfera pública está se restringindo progressivamente – com exceção de propaganda religiosa, muitas vezes de caráter preconceituoso, que recebe todo o apoio oficial” (DEMANT, 2004, 578-79 p.). A ideia de discutir é coisa quase que impossível tem muitos problemas, para que se realize um diálogo.

O problema não é a inexistência de pensadores muçulmanos pluralistas e antifundamentalistas: é que esses têm dificuldade de fazer-se ouvir. Os modernistas estão na defensiva e/ou são obrigados a se exilar. Os espíritos mais originais se sentem mais seguros no mundo ocidental do que no próprio mundo muçulmano. Os melhores jornalistas muçulmanos e as publicações mais ousadas estão em Londres. Apesar do alcance de uma rede de tevê independente tal como al-Jazeera (que, aliás, só existe graças à política mais esclarecida do príncipe do Catar), o controle oficial das mídias é abrangente. A quantidade de sermões, exegese alcorânica e discussões sobre temas religiosos nos programas de rádio e tevê é hoje muito maior do que há uma geração (DEMANT, 2004, 579-80 p.).

Essa situação é multifatorial, que contribui para o Fundamentalismo está nessa posição. “Entretanto, é inegável que na conjuntura atual os islamistas se beneficiam do clima de clausura intelectual, para o qual eles mesmos contribuem. O resultado é que na luta contra um outro islã, o islamismo está hoje vencendo” (DEMANT, 2004, 580 p.).

A integração internacional do islamismo.

Segundo Peter Demant, há um movimento para uma Internacional Islamista. Na verdade é um segundo desdobramento da Sociedade Civil. “Evidentemente, com a expansão do islã, o conceito da umma se ampliou e acabou tendo um significado primeiramente simbólico; porém – não obstante os inúmeros conflitos e guerras entre muçulmanos” (DEMANT, 2004, 581 p.). A Globalização também atingiu o Mundo Islâmico. “A rede mundial de computadores é bastante ambígua: funciona como canal da “invasão cultural” ocidental, mas também facilita a propaganda e a doutrinação. Isto não é totalmente novo, tampouco seus resultados políticos” (DEMANT, 2004, 582 p.). Sem dúvida, a Arábia Saudita é um dos piores países do mundo quando o assunto é religião.

A Arábia Saudita, um dos campeões mundiais em termos de preconceito religioso, proibiu à sua população o acesso a quinze mil sites (não só os de pornografia como também quaisquer informativos e de discussões religiosas); os *cyber* cafés eram os lugares prediletos para a organização do movimento civil no Irã – até serem fechados pelo governo. A “sociedade em rede”, que existe em todas as cidades do Oriente Médio, coexistindo incomodamente com a

sociedade tradicional-autoritária que a cerca, gera uma consciência de comunidade (DEMANT, 2004, 582-83 p.).

A abertura de novas frentes do *jihad* fora do núcleo árabe.

O Fundamentalismo em sua terceira fase, os eventos são fora do Oriente Médio.

Guerras abertas são travadas nas fronteiras do mundo muçulmano com outras civilizações; em geral, os islamistas têm importância crucial na transformação destas lutas em choques civilizacionais irreconciliáveis. Podemse distinguir pelo menos cinco dessas fronteiras do islã, que em certos casos têm assumido a forma de um “choque dos fundamentalismos” (DEMANT, 2004, 584 p.).

44

O confronto com o mundo ortodoxo cristão ex-comunista.

Segundo Demant, que no Afeganistão nos anos de 1980 havia uma resistência islamista antissoviética, que não concordava com a ocupação russa. Isso gera um enfraquecimento da URSS. Mina um pouco do seu poder. “Em 1987, após uma longa ocupação desgastante, Gorbachev, o novo líder, engajado no projeto de modernizar e humanizar o comunismo decidiu reduzir seus prejuízos: a URSS começou então sua humilhante retirada do Afeganistão, que seria completada dois anos depois” (DEMANT, 2004, 587 p.). O Regime Afegão que apoiava o Comunismo, não fica muito tempo de pé. “Como resultado, o regime pró-comunista de Muhammad Najibullah não pôde se sustentar por muito mais tempo: em 1992, Cabul foi conquistada pelos *mujahadin* islamistas que, contudo, entraram imediatamente numa luta interna” (DEMANT, 2004, 587-88 p.). Esse processo desdobra-se em uma sangrenta guerra civil, e o Talebã ganhou notoriedade.

Estes conquistaram Cabul em 1996 e estabeleceram um regime islamista extremista, baseado na interpretação rigorosa da xaria. Os Talebã se destacavam – entre outras características chocantes aos olhos ocidentais – por sua brutal repressão às mulheres, excluídas da vida social, obrigadas a abandonar quaisquer trabalhos fora de casa, proibidas de ir à escola, forçadas a sair vestidas em burcas cobrindo todo o corpo e o rosto (DEMANT, 2004, 588 p.).

No Talebã: os homens têm a barba grande (é obrigado); não existe entretenimento é impensável. “Uma polícia islâmica cuidava da observância das múltiplas regras, e transgressões eram severamente punidas: mutilações e execuções públicas no estádio de Cabul escandalizaram o mundo. Mas ninguém interveio” (DEMANT, 2004, 588 p.). A nova Política do Afeganistão não foi bem aceita nem no próprio Oriente Médio. Poucos o reconhecem nesse novo formato. Mas, isso na impede a continuação da Guerra Civil.

No entanto, a guerra civil continuou com nítida feição étnica. O Afeganistão é um país etnicamente diversificado que deveu sua independência a períodos de fraqueza interna dos vizinhos Pérsia (Irã) e Índia pré-colonial (...). Entre-

tanto, o preço que o país pagou pela série de violências perpetradas desde 1980 foi terrível. Milhões de afegãos constituíram o maior problema de refugiados no mundo – a maioria sobrevivendo miseravelmente no Paquistão, onde eles se tornaram alvos fáceis para recrutamento tanto de máfias criminosas quanto de grupos fundamentalistas (DEMANT, 2004, 589-90 p.).

O Regime do Talebã ficou estreitamente ligado ao grupo étnico sunita, que era maioria (*pashtus*). “Em 1998, os Talebã conquistaram Mazar-i Sharif, a última cidade significativa ainda não capturada – aproximadamente 90% do território afegão estava então sob seu controle” (DEMANT, 2004, 590 p.). Nem a mão vinda de fora consegue conter o conflito – passou a ser visto como um dos piores lugares do Mundo para se viver. O Talebã se manifesta contra a Imprensa Internacional.

Para protestar contra a crítica internacional e a ajuda humanitária tardia, os Talebã destruíram em 2001 duas grandes estátuas budistas, símbolos da idolatria dos séculos II-VII, que em tempos mais felizes simbolizaram a riqueza do patrimônio cultural afegão. Entrementes, as relações com os EUA se deterioraram: o regime fundamentalista abrigou o líder islamista Osama bin Laden, acusado de matar trezentos civis em ataques terroristas contra as embaixadas dos EUA no Quênia e na Tanzânia em 1998, e se recusou a entregá-lo (DEMANT, 2004, 590-91 p.).

A questão Russo-Afegã é bem mais profunda que se pensa. “Em 1991, o desmantelamento da URSS conduziu à independência das seis Repúblicas Socialistas Soviéticas majoritariamente muçulmanas: o Azerbaijão no Cáucaso e, na Ásia central, o Cazaquistão, Turcomenistão, Uzbequistão, Quirguistão e Tajiquistão” (DEMANT, 2004, 591 p.). No interior dos Estados havia a atuação Fundamentalista. No Tajiquistão, estourou uma Guerra Civil, logo, em seguida a Independência. “A fragmentação da URSS ainda deixou um número considerável de muçulmanos dentro do maior Estado sucessor, a Federação Russa” (DEMANT, 2004, 593 p.). As lutas dos povos mulçumanos têm dois pilares: a religião e a etnia.

A maior heterogeneidade se encontra no Cáucaso e na região ao norte dele. É ali que a Chechênia, sunita, proclamou em 1991 sua independência da Rússia – fato não reconhecido por Moscou, onde se temia, numa conjuntura que lembrava a posição da Índia na questão da Caxemira, que um aval à secessão constituísse um perigoso precedente. A primeira tentativa grã-russa de retomar a República rebelde falhou: após dois anos de guerra, com quase cem mil mortos, uma frágil autonomia foi concedida (DEMANT, 2004, 594 p.).

Segundo Demant, no ano de 1999 os chechenos wahhabitas dominam o Daguestão. Fazendo dele um Estado Islâmico. Vladimir Putin usa esse contexto, para se lançar como candidato na plataforma Nacionalista. “A tentativa islamista no Daguestão foi reprimida; pouco depois atentados terroristas em Moscou mataram centenas de pessoas.

O governo russo culpou os separatistas chechenos e Putin lançou uma segunda guerra contra a Chechênia” (DEMANT, 2004, 594 p.). Essa resposta gera outros desdobramentos.

Em seguida, a ocupação russa incentivou os chechenos a intensificar sua guerrilha e a usar as armas do terror. O ato mais audacioso ocorreu em novembro de 2002, quando rebeldes chechenos sequestraram setecentas pessoas num teatro em Moscou. Sua libertação pelo exército russo custou mais de cem vidas. Outros atentados têm se seguido, demonstrando o fracasso da pacificação pelos russos (DEMANT, 2004, 594 p.).

A Ex-Iugoslávia também se envolveu nas guerras do Mundo Muçulmano. O Fundamentalismo ali foi marginal e ortodoxo. “Outros grupos eslavos incluem os sérvios bósnios ortodoxos, que se orientam para uma unificação com a vizinha Sérvia, e croatas católicos” (DEMANT, 2004, 595 p.).

Guerra da Bósnia é fruto de uma divisão da partilha da Iugoslávia. Lógico, embebido em uma Radicalização Nacionalista Sérvia, depois da Guerra Fria.

Os sérvios queriam a adesão da Bósnia à Sérvia e, com o apoio do regime nacionalista de Slobodan Milosevic em Belgrado, conquistaram porções do território bósnio; suas políticas genocidas de “limpeza étnica”, campos de concentração e estupros em massa tornaram a cruel luta triangular entre muçulmanos, sérvios e croatas um desastre humanitário (DEMANT, 2004, 595 p.).

Segundo Peter Demant, a Guerra da Iugoslávia foi um marco histórico europeu, depois, da Segunda Guerra Mundial. “A guerra da Croácia foi relativamente rápida, mas a da Bósnia se prolongou. As potências externas, no entanto, foram incapazes (ou teimosas demais) para intervir. Somente em 1993 a ONU conseguiu proteger alguns enclaves muçulmanos e croatas” (DEMANT, 2004, 596 p.). É em meio a esse contexto que aconteceu um holocausto em menos escala.

Ocorreu então a maior atrocidade em solo europeu desde o holocausto dos judeus: sete mil homens foram massacrados no enclave muçulmano de Srebrenica por paramilitares sérvios depois que uma força holandesa da ONU fracassou em protegê-los. Automaticamente, a superioridade militar sérvia se refletiu na diplomacia. Pouco depois, os Acordos de Dayton introduziram a partilha territorial que pôs fim à Guerra da Bósnia. Uma Bósnia muçulmano-croata mutilada se tornou independente e os guerrilheiros islamistas foram expulsos (DEMANT, 2004, 596-97 p.).

Pouco depois, a Guerra em Kosovo, uma região independente de Sérvia. No final dos anos de 1990, a Sérvia começa o processo de purificação étnica. Assim, “um milhão de kosovares muçulmanos, que se refugiaram nos países limítrofes – Albânia,

antiga República Iugoslava da Macedônia, Montenegro etc. –, arriscando uma reação em cadeia que poderia incendiar o barril de pólvora dos Bálcãs” (DEMANT, 2004, 598 p.). Isso gera uma nova guerra.

O influxo dos kosovares muçulmanos provocou uma guerra civil na antiga República Iugoslava da Macedônia. Na Sérvia, a derrota militar enfraqueceu o regime nacionalista e abriu caminho para a revolução democrática de 2000. Milosevic foi demitido, preso e entregue ao Tribunal Internacional de Haia. As guerras da Iugoslávia foram alguns dos poucos conflitos recentes implicando muçulmanos sem que o islã político tivesse participação – porém, vê-se que isto não excluiu sua instrumentalização por fundamentalistas muçulmanos no Oriente Médio e tampouco por islamófobos na Europa (DEMANT, 2004, 598 p.).

Palestina e o Hamas.

Segundo Peter Demant, o ponto central do Fundamentalismo Israel-Palestino é um antigo. Na Palestina se encontra uma das Comunidades Cristãs mais antiga do Mundo, subdividida em inúmeras Igrejas. “Em vez de receber a fortíssima influência fundamentalista atual, a população foi relativamente ocidentalizada e secularizada durante o século XX”. É uma região cercada de polêmicas. Pois, a construção sionista não faz caminha uma construção de um Estado Palestino paralelamente com havia se prometido. O Palestino foi adulterado. O Islã é uma espécie da bandeira de oposição ao sionismo.

O islã teve um papel importante na luta antissionista e antibritânica. No entanto, tem sido sempre um islã defensivo, conservador e sem traços daquele modernismo que se destaca no debate em países menos traumatizados. Para apaziguar uma oposição local que se mostrou imediatamente forte, a Grã-Bretanha outorgou uma ampla autoridade ao Supremo Conselho Muçulmano. Nos 1920 e 1930, seu líder Hajj Amin al-Husseini usou o SCM como plataforma para uma campanha antissionista, que logo adotou feições antisemitas, aproximando-se do regime nazista na Alemanha (DEMANT, 2004, 601 p.).

Todavia, a SCM foi uma ferramenta da Elite Palestina, para conter a sucessivas e sangrentas revoltas no final dos anos 1930. O Xeiue Puritano Izz al-Din al-Qassam líder de uma guerrilha rural, e chegou a ser contida e sufocada, mas, seu exército é uma resistência islâmica-palestina se chamava Hamas (grupo terrorista). “Com isso, a “ordem” foi restaurada, até a luta contra a independência de Israel em 1947-48. Nela se destacou a Irmandade Muçulmana egípcia, que organizara células na Palestina mas não pôde evitar a catástrofe que causou a fragmentação dos palestinos em grupos dispersos de refugiados” (DEMANT, 2004, 602 p.). A criação do Estado de Israel é a maior der-

rota Palestina. Mas, a década de 1950 testemunha o surgimento de um nacionalismo Palestino. “O novo nacionalismo palestino, que surgiu nos campos de refugiados nos anos 50 e 60, não teve cor islâmica. A OLP definiu sua meta em termos não religiosos, ou seja, como um *Estado multiconfessional secularista*” (DEMANT, 2004, 602 p.). A guerra de 1967 redireciona as coisas: é a maior vergonha dos Estados Árabes, e o auge do seu Nacionalismo. A década de 1970 materializa um pouco disso.

O resultado desta reflexão foi a substituição, nos anos 70, do objetivo anterior: a destruição de Israel e o estabelecimento de um único Estado árabe em todo o país. Surgiu em seu lugar a aceitação do modelo de dois Estados: um futuro Estado palestino a ser erigido na Cisjordânia e na Faixa de Gaza – ocupadas por Israel –, mas coexistindo com este. Paralelamente, a ênfase na luta armada, desigual, cedeu ao esforço político. Islamistas palestinos rejeitaram tanto o princípio quanto o método dessas guinadas de posição. A falta de resultados concretos da linha diplomática reforçou seus argumentos, e a inspiração da revolução islâmica no Irã aumentou seu ímpeto. Os debates dentro da comunidade palestina levaram à evolução de um movimento islamista independente da OLP, até então a única detentora da legitimidade nacionalista. As diferenças tomaram uma forma violenta nos anos 80: o campo de batalha foi primeiramente os *campi* universitários em territórios palestinos, sendo estes uma das poucas instituições não controladas pela ocupação israelense (DEMANT, 2004, 603-04 p.).

O Mundo sofreu mutações ideológicas: “antes do fundamentalismo emergir em outros lugares, alunos islamistas já tinham obtido o controle das universidades, outrora fortalezas do nacionalismo secular” (DEMANT, 2004, 604 p.). Desde 1967 ao final dos anos 1980 tem ocorrido seguidas tentativas de islamizar a Sociedade em todos os seus âmbitos, “o número de mesquitas dobrou nos territórios ocupados. Israel inicialmente apoiou os islamistas, acreditando serem eles uma alternativa mais inofensiva aos nacionalistas da OLP” (DEMANT, 2004, 604 p.). O Conflito Israel-Palestina nos últimos tempos vive um período de extremos, pois, o pano de fundo histórico-político focado na construção de um acordo: pacífico; nacionalista; secularista. “Todavia, os fracassos dos secularistas se combinaram perfeitamente com os sucessos da oposição religiosa para condenar o processo de paz” (DEMANT, 2004, 605 p.). Ao mesmo tempo, a Terceira Onda Fundamentalista inicia o seu ativismo radical. No final dos anos de 1980, surge um levante popular, que é contido pela OLP de Arafat: “nos confrontos com soldados israelenses, a tendência fundamentalista cresceu e logo se constituiu como a segunda força política e alternativa à OLP. Sua emergência se beneficiou do fato de que as mesquitas eram a última instituição não desmantelada por Israel” (DEMANT, 2004, 605 p.).

Outro grande fenômeno da década de 1980 foi o grupo Jihad Islami, de Fathi Shiqaqi. O mais ativo de 1985-90, e que depois é surpreendido pelo Hamas - o filho

Rebelde da Irmandade Mulçumana. Segundo Peter Demant, o Xeiqne Ahmad Yassin via seus irmãos como: gradualistas e antissionistas. Assim, o grupo Jihad Islami foi uma: “tentativa (bem-sucedida) de ultrapassar o Fatah em extremismo, desenvolveu-se uma ideologia islamista que depôs a análise nacionalista secular que predominava nas várias facções da OLP (Fatah, Frente Popular etc.). Essa nova ideologia está articulada na Carta do Hamas, documento fundador de 1988” (DEMANT, 2004, 606 p.).

Segundo Demant, o prisma do Hamás é diferente. É uma Guerra de Religiões: “o sionismo é um crime que não só despoja os palestinos como também corrompe sua moralidade islâmica. Assim, a luta opõe o islã (o Bem) contra o judaísmo (o Mal)” (DEMANT, 2004, 606 p.). O Antissemitismo da Europa manchou o Islamismo Palestino e o Movimento Nacionalista, que depois teve que se desdobrar para separar: Israelense; Sionista e Judeus.

Na visão do Hamas, a raiz do problema são os judeus que querem controlar o mundo tanto por meio do comunismo quanto manipulando os EUA, e que planejam reconstruir o Terceiro Templo em Jerusalém, cidade sagrada do islã. Abandonando a visão bastante favorável dos judeus que tradicionalmente vigorava no islã, o Hamas descreve o “judaísmo mundial” como um câncer que asfixia o islã. Essa ideologia religiosa inverte a incorporação do nacionalismo. O problema da pouca importância relativa da Palestina no islã se resolve pela presença de Jerusalém, cuja santidade se reflete sobre todo o país. Enquanto Terra de Deus, a Palestina integra o *Dar al-Islam* e pertence em princípio a todos os muçulmanos. Portanto, palestinos não têm o direito de ceder qualquer território dela (DEMANT, 2004, 607 p.).

O Sionismo de Direita acredita na tese da Terra de Israel como uma posse universal dos judeus de todo o mundo, já os Fundamentalistas Judaicos: “consideram a Terra de Israel como propriedade imobiliária de Deus, tornando ilegítima qualquer tentativa de partilhá-la com os seus inimigos” (DEMANT, 2004, 607-08 p.). Os Islamistas Palestinos.

a conclusão unânime é que é preciso erradicar a “entidade sionista”. Esta tarefa requer um *jihad* universal que estabelecerá na Palestina um Estado islâmico. Outrossim, a aniquilação de Israel será uma limpeza que condicionará o renascimento do islã. Existe uma certa inconsistência sobre a sorte destinada aos judeus – os sobreviventes serão bem-vindos como *dhimmis*, ou todos serão expulsos, ou ainda a luta continuará até a liquidação global dos judeus (DEMANT, 2004, 608 p.).

Segundo Peter, o viés do Hamas é opositor de acordo político. É algo impensável. Opõe-se a Arafat e o seu Nacionalismo, isso reflete em inimizade entre OLP-AP (Autoridade Palestina. “Daí que as relações entre essas duas grandes tendências palestinas exibem uma mistura ambivalente de inimizade e até de violência aberta com uma moderação verbal e operacional, para não perder apoio na discussão intrapalestina”

(DEMANT, 2004, 608 p.). Não só o Hamas, mas, outros grupos de menor expressão direcionam-se sempre em não legitimar a OLP, e ao mesmo tempo construir uma Sociedade Alternativa. Assim, a chamada Primeira Intifada é um modelo de Contra-Revolução Cultural. O processo de paz Israel-Palestino atinge a OLP.

O processo de paz que entre 1991 e 1999 injetou uma certa dose de esperança nas relações Israel-Palestina começou paradoxalmente com o enfraquecimento da OLP, causado pela identificação popular palestina com Saddam Hussein na crise do Golfo – identificação tão universal (e compartilhada entre nacionalistas e islamistas) que a OLP foi obrigada a segui-la. Após sua vitória, os EUA estavam em posição favorável para levar adiante o processo de paz: na Conferência de Madri, a presença da OLP como representante palestino – o eterno subterfúgio para Israel – foi contornada. Por outro lado, a OLP manteve força suficiente para impossibilitar uma negociação frutífera, levando o novo governo, mais aberto, de Israel a quebrar o tabu e negociar com Arafat. O resultado foi o “processo de Oslo” (assim chamado por ter sido preparado em negociações secretas na Noruega em 1993), com reconhecimento mútuo e um acordo recíproco: Israel se retiraria progressivamente dos territórios ocupados e permitiria ali o estabelecimento da Autoridade Palestina, espécie de proto-Estado palestino. Arafat e seu governo, por outro lado, se comprometeram a manter os opositores palestinos violentos sob controle. Os pontos remanescentes de desacordos territoriais e demográficos seriam negociados posteriormente (DEMANT, 2004, 609-10 p.).

Esse Processo de Paz chega ao ano 2000, ambas as Instituições não cumprem seus compromissos. Isso gera mais violência. “O que é bastante claro é o papel central dos fundamentalistas na erosão do processo político” (DEMANT, 2004, 611 p.).

O Cisma OLP-Hamas tem o seu ápice no Acordo de Oslo em 1993. “Diagonalmente opostos ao processo de paz, os islamistas tentaram miná-lo atacando-o em sua parte mais vulnerável: a segurança física da população judaica, vítima histórica de perseguições e já extremamente receosa de antemão das intenções palestinas” (DEMANT, 2004, 611 p.). Generalizando, o Hamas: “não diferenciava entre combatentes e civis, dando como argumento a suposta militarização da sociedade israelense. Continuar as ações “militares”, mais propriamente (do ponto de vista de suas vítimas civis), “terroristas”, era a mais efetiva estratégia contra a Autoridade Palestina, considerada colaboradora do inimigo” (DEMANT, 2004, 611 p.). Os anos de 1994-95 foram sangrentos.

Seguem-se, já nos anos 1994 e 1995, os sequestros e ataques suicidas contra alvos militares e civis – são os primeiros homens-bomba palestinos. As reações punitivas israelenses automaticamente vitimaram mais a população civil palestina do que os perpetradores e seus recrutadores. A autoridade de Arafat foi duplamente minada: aos olhos de Israel, por ele não conseguir prevenir atos terroristas; e aos olhos dos palestinos, por ele não conseguir protegê-los da ira de Israel. Quem se beneficiou foi o islã político (DEMANT, 2004, 611-12 p.).

O Hamas não é centralizado dificultando a sua captura. Os Atos Terroristas muitas vezes não dependem de sua liderança, mas, da sua subdivisão - os Batalhões de Izz

al-Din al Qassam, uma Instituição Independente. O Hamas era uma Instituição de Assistencialismo Social para grande parte da Sociedade, e muito mais correta do que a Autoridade Palestina.

Em consequência, o apoio popular à solução islamista cresceu, ultrapassando 30% dos palestinos. Não adiantaram as estratégias de Israel tampouco as de Arafat – reativas ao invés de ativas. Israel iniciou em 1992 a deportação de centenas de ativistas islamistas para o Líbano; estes transformaram sua estadia na fronteira num *reality show* televisivo. O episódio só fortaleceu os islamistas (DEMANT, 2004, 612 p.).

É inegável, que Acordos bilaterais foram assinados. “Entretanto, o próprio êxito do processo político em 1994-95 provocou as ações terroristas do começo de 1996, projetadas para freá-lo” (DEMANT, 2004, 612-13 p.). Surge um novo Governo de Israel que é de Direita, isso traduz em um congelamento de um processo de paz que se arrastava há anos com Arafat, e ao mesmo tempo, chamando de ativista do terrorismo. Outro nó foi a inoperância política da AP.

Por sua vez, Arafat tentava preventivamente esvaziar o apoio islamista – inclusive dentro de seu próprio Fatah – mediante a gradual islamização de seus discursos, de uma simbologia mais islâmica e tentando envolver o Hamas num “diálogo nacional”. O Hamas mantinha distância e em Israel a desconfiança cresceu. Como Mubarak no Egito, Arafat salvou-se ao preço de uma islamização progressiva da sociedade civil. Ao mesmo tempo, o Hamas obteve vários sucessos – o mais significativo sendo a volta de seu líder espiritual Yassin à Gaza (DEMANT, 2004, 613-14 p.).

Na Palestina, o Hamas sem sombra de dúvidas foi vencedor. O Que de início teve rejeição finda com a aprovação, mesmo sem possibilidade política – suas ideias se alastram: “em março de 2002, 64% dos habitantes dos territórios palestinos apoiavam a estratégia do terror e mais da metade opinou pela continuação da luta até o desaparecimento de Israel” (DEMANT, 2004, 615 p.). Ideia de Paz praticamente desaparece. “Do ponto de vista islamista, Israel é um presente: se os sionistas não existissem, teriam que ser inventados! Mas a causa islamista tem raízes múltiplas e mais profundas, que continuarão vivas com ou sem o conflito acerca da Palestina” (DEMANT, 2004, 616 p.).

Índia.

A Índia e o Paquistão são os centros nervosos do Mundo Mulçumano e o Não-Mulçumano. O Confronto com o Paquistão e crescimento interno incentiva o surgimento do Fundamentalismo Nacionalista Hindhu, que é antissecularista e Bharathista. “O Partido do Congresso, ainda que não fosse imune ao vírus das lutas intercomunitárias,

atuava como muralha de defesa do Estado religiosamente neutro. Contudo, esse partido se enfraqueceu cada vez mais, enquanto o *Bharatiya Janata Party* (BJP) fundamentalista cresceu (DEMANT, 2004, 617 p.). O Ano 1992 foi marcado por um evento. Houve a destruição da Mesquita de Babri, em Ayodhya. Esse feito foi realizado por Fundamentalistas Hindus com ligação com o BJP. “Assim, desencadearam a pior onda de distúrbios e massacres recíprocos entre hindus e muçulmanos desde 1947, particularmente em Bombaim e Calcutá. O número de vítimas foi estimado em dez mil, abalando o país” (DEMANT, 2004, 617 p.). A BJP ficou manchada com esse ocorrido, mas não contém a sua chegada ao Governo ainda do final do anos 1990. Especificamente em 1998. “Depois de Atal Behari Vajpayee, do BJP, assumir o poder, no entanto, as expectativas sombrias não se realizaram. O BJP se tornou mais moderado. Mas as tensões intercomunitárias não se acalmaram, e grupos extremistas hindus continuam a pressionar pela implementação de seu programa” (DEMANT, 2004, 618 p.).

Especialmente havia dois focos de tensão: a Caxemira. “O primeiro é o conflito não resolvido com a Caxemira, Estado reivindicado pelo Paquistão por ter 2/3 de muçulmanos” (DEMANT, 2004, 618 p.). Esse assunto em pauta pô vezos quase não se desdobrou em sangrentas guerras, ainda que sem uma Guerra Nomeada, não deixa de ter pilhas de corpos no seu caminho – o caminho Índia-Paquistão. O Segundo foco de tensão é o Gujarat.

Em fevereiro de 2002, o incêndio no trem que levava ativistas hindus voltando de Ayodhya provocou uma nova onda de massacres com saldo provisório de mais de mil vítimas, na maioria muçulmanos. Em setembro do mesmo ano, um novo ataque terrorista contra hindus em Gujarat matou 31 pessoas. Em vista das dimensões indianas, “poderia ter sido pior”: analistas concluem que o mais eficaz obstáculo contra tais violências está na presença de instituições locais onde líderes comunitários hindus e muçulmanos cooperem entre si. Mas esses laços estão sob pressão de um fanatismo recíproco. O choque das civilizações hindu e muçulmana na Índia parece se exacerbar ainda mais do que aquele entre o islã e o Ocidente (DEMANT, 2004, 621 p.).

Indonésia.

Na atualidade, a Indonésia é a maior Nação Muçumana. Os seus contornos são um pouco diferentes dos citados acima. Apesar de alguns problemas de violência e fragmentação política, parece caminhar para vias mais democráticas. Só que uma crise financeira em 1998, traz consigo uma desmotivação aos grupos democráticos, e finaliza na renúncia de Surhato. O Exército consentiu com as eleições depois de quase 50 anos. Não houve vencedor.

Mesmo assim, a democracia parece se consolidar constitucionalmente – ainda que entre graves dificuldades econômicas e ambientais: o líder islamista Abdulrahman Wahid, acusado de corrupção, foi em 2001 pacificamente derrubado da presidência pelo parlamento, abrindo espaço para a sucessão da nacionalista Megawati Sukarnoputri, filha de Sukarno (DEMANT, 2004, 622 p.).

Na indonésia a tensão étno-religiosa caminha junto com a questão da polarização. “A questão que se coloca é saber qual força se moverá mais rápido nesta nação bastante fragilizada: a democracia ou as minorias islamistas extremistas” (DEMANT, 2004, 624 p.).

Malásia.

A Malásia tem: 60% de Malaios Muçulmanos; 30% de Chineses Budistas e Confucionista, e 10% de tâmeis Hindus. “No novo Estado da Malásia, que tem hoje 22 milhões de habitantes (e integrou a Malaia e o Bornéu setentrional, mas não Cingapura), a rápida urbanização das massas malaias logo trouxe reivindicações para uma melhor repartição dos recursos. Estas reivindicações tomaram uma forma étnico-racial” (DEMANT, 2004, 625 p.). Finda no nascimento do uma Nova Elite, e uma maioria jovem excluída. Nos anos de 1970, os excluídos se apegam ao Islã Radical, devido a simbiose da religião com o social.

O carismático líder estudantil Anwar Ibrahim realizou o “apelo” (*da'wa* ou *dakwah*) para que os membros da nova geração recém-urbanizada e alfabetizada se tornassem “muçulmanos melhores”. Como movimentos paralelos na Indonésia e alhures, os reformistas muçulmanos pretendiam purificar o islã tradicional rural de seus sincretismos; mas em vez de demandas limitadas à esfera privada, os islamistas da Malásia abraçaram também o projeto (de origem paquistanesa mawdudista) do Estado islâmico (DEMANT, 2004, 626 p.).

Daqui para frente começa uma corrente popular com a ideia de islamizar a vida pública. O Governo Conservador (*Mahathir ibn Mohamed*) começa a fazer concessões em prol da própria sobrevivência. Tais como: “construiu mesquitas suntuosas, islamizou a educação e os bancos, abriu uma universidade islâmica (que depois se tornou centro de influência *wahhabita*-saudita na região) – mas ao mesmo tempo procurou manter a secularidade oficial e poupar os chineses não muçulmanos, motores da economia nacional” (DEMANT, 2004, 626 p.). A Islamização total do Estado passou a ser a tônica das ideias. Nas décadas de 1980-90, a Malásia se desenvolveu economicamente, por causa matrizes energéticas e a nova indústria, que fazia uso de uma mão-de-obra barata.

e começou a promover uma versão islâmica da ideologia dos “valores asiáticos” – tais como anti-individualismo, disciplina e ordem, supostamente im-

plantadas na mente oriental, e que serviam em Cingapura e na Indonésia para justificar regimes desenvolvimentistas autoritários. Mahathir preconizava um “islã universal” compatível com o capitalismo internacional. No entanto, tornou a Malásia mais e mais dependente dos mercados financeiros internacionais (...). A Malásia continua governada por um regime cada vez mais ditatorial, que usa mecanismos de controle moral para legitimar sua islamicidade (DEMANT, 2004, 627-28 p.).

A frente do islã na África.

Segundo Peter Demant, O Islã chega até a África. “Contudo, os maiores conflitos se concentram nos países mais divididos. Na virada do século, a convivência se tornou particularmente explosiva na Nigéria” (DEMANT, 2004, 628-29 p.). É o sétimo país mais populoso do continente africano. A Região Sul é majoritariamente muçumana. O País etnicamente é plural, e isso é histórico.

A Região Norte: de tendência Fundamentalista; biorganizacional (formam e informal); tinha escolas e clientelismo dentro das Irmandades. A Região Sul: “é mais dividido do que o norte, e teme a predominância deste – levando à instabilidade política quase insuperável, apesar da interdependência econômica entre os Estados. Uma identidade pan-nigeriana rivaliza com tendências descentralizadoras” (DEMANT, 2004, 630 p.). O Sudão é bilateral: pluralista e fundamentalista. Depois da Independência o país ficou dividido entre os proponentes e os opositores. Essas ideologias tão discrepantes geram choques e guerras. Mediante a um golpe o Parlamentarismo acaba no Sudão.

Um golpe levou ao poder o general Ja'far Numairi, que nos anos 1980 se aproximou dos *ansar* e iniciou um processo de islamização. Este processo se reforçou nos anos 90, com a posse de outro militar, Umar Hassan al- Bashir. Empurrado pela Frente Islâmica de Hassan al-Turabi, o Sudão se transformou no segundo Estado islamista no mundo, após o Irã. A guerra civil continuou, com interrupções. Para os islamistas, apoiados por uma parte da população setentrional, a partilha do poder com os “inimigos de Deus” num Sudão federativo equivaleria à apostasia. O país tem se alinhado nos últimos anos à al-Qaeda de Osama bin Laden, causando graves tensões com os EUA (DEMANT, 2004, 631-32 p.).

A expansão do islamismo nas diásporas muçulmanas no Ocidente.

As Diásporas Muçumanas são oportunidades ímpares para o Fundamentalismo, por causa das vivências de alienação e rejeição. “A radicalização atinge com certeza apenas uma minoria, atraída e absorvida em círculos islamistas que lhe proporcionam – como em tantos outros contextos no mundo muçulmano atual – tanto um abrigo social

quanto uma solução à sua crise espiritual” (DEMANT, 2004, 632-33 p.). Tem ocorrido indiscutivelmente, um desenvolvimento da política muçulmana no interior do Ocidente.

Isso é, em si, uma evolução saudável. A cumplicidade em atos terroristas diz respeito a certos indivíduos e grupelhos de incerta ligação com a corrente muçulmana principal e mais tolerante em seus países de residência. Mas, apesar de pequenos e isolados, esses grupos adquirem importância e causam preocupação dada a alta capacitação de seus integrantes e seu íntimo conhecimento e proximidade do “inimigo”, em cujo bojo eles operam, e, particularmente, por seu potencial de crescimento – caso as origens da marginalização muçulmana não sejam resolvidas (DEMANT, 2004, 633 p.).

A Guerra Internacional: al-Qaeda de Osama bin Laden.

Segundo Demant, a Terceira Onda parece ter perdido o controle. “O confronto assumiu proporções dramáticas, com consequências globais ainda não totalmente conhecidas” (DEMANT, 2004, 633-34 p.). Osama Bin Laden é o divisor de águas da terceira Onda, ele traz o fanatismo antiocidental; é um recrutador de jovens de todas as classes.

O antiocidentalismo, evidentemente, não é novo; porém, a al-Qaeda enfatiza – muito mais do que qualquer grupo anterior – o aspecto global e profundo da guerra entre o islã e o Ocidente. Ao contrário de outros grupos da recente onda, que visam primariamente a inimigos dentro da própria sociedade – sejam eles governadores considerados apóstatas, muçulmanos “relapsos” ou “infiéis” – Bin Laden considera que a luta precisa ser levada ao coração do inimigo: o próprio Ocidente (DEMANT, 2004, 637 p.).

As ideias de Osama Bin Laden são bem transparentes e circuladas nos meios de comunicação. “Filho de uma família ligada aos interesses petrolíferos norte-americanos, rompeu com sua pátria-mãe por considerar o regime saudita pouco religioso, corrupto e entregue aos interesses ocidentais” (DEMANT, 2004, 637 p.). Os EUA pecaram três vezes contra Deus: “a ocupação da terra sagrada da Arábia, o apoio dado à ocupação judaica de Jerusalém e o sofrimento imposto aos iraquianos” (DEMANT, 2004, 637-38 p.). A maior jogada de Osama Bin Laden estava por vir o - 11 de Setembro.

Chegou afinal o golpe-mestre. Em 11 de setembro de 2001, dezenove membros da organização al-Qaeda, a maioria saudita que moravam na Alemanha, sequestraram quatro aviões norte-americanos e os lançaram contra os principais símbolos do poder econômico, político e militar dos EUA. Dois destruíram as torres gêmeas em Nova York (o *World Trade Center*, símbolo do poder financeiro e do suposto judaísmo mundial); outro danificou o Pentágono em Washington; o último, que pretendia explodir a Casa Branca, foi desviado e abatido pelos norte-americanos, vitimando passageiros e a tripulação. Estes atos de terrorismo suicida somaram mais de três mil mortos, quase todos civis – o maior assassinato em massa desde a bomba nuclear contra Hiroshima em 1945, e sem precedente numa era de paz (DEMANT, 2004, 639 p.).

A partir daí ideia de segurança nos EUA acabou. Osama Bin Laden ficou conhecido em todo o planeta as reações foram incalculáveis. “Os norte-americanos se benefi-

ciaram da ampla e espontânea simpatia do mundo ocidental – simpatia que o governo de Bush conseguiu desgastar em menos de um ano” (DEMANT, 2004, 640 p.). Houve reações diversas também no meio Muçumano. Os Muçumanos: “a maioria ficou chocada e denunciou este ato de terrorismo como incompatível com o islã. Alguns, escandalizados com a ação de seus correligionários, expressaram vergonha” (DEMANT, 2004, 640 p.). Todavia, outros grupos são mais enfáticos quanto a sua opinião:

firmemente rejeitaram o terror, mas ainda vincularam tais atos, por mais terríveis que fossem, à deplorável atuação ocidental no mundo muçulmano – lembrando a longa história das suas intromissões: colonização, exploração, imposição política, apoio a Israel contra os palestinos e, por fim, a invasão cultural (...), o assunto preferido dos próprios islamistas (DEMANT, 2004, 640-41 p.).

Segundo Peter Demant, nunca escondeu a autoria do atentado de 11 de setembro. OS EUA lançam bombas Afeganistão, sem si quer saber se o Governo concordava com o a feito de Osama. Assim, o Governo do Afeganistão endurece com os EUA, não o entregando. “Com isto, consumou-se o paradoxal pacto suicida entre o país paupérrimo e atrasado e o milionário terrorista *high tech*, ligados por um compromisso comum: o fundamentalismo extremo” (DEMANT, 2004, 640-41 p.). Essa atitude Americana reflete em protestos no Oriente Médio. Mas, o ódio americano gera a caça de Fundamentalistas.

Os EUA perseguiram os seguidores da al-Qaeda no país e destruíram seus campos; os sobreviventes se dispersaram e Bin Laden escapou. Sob patrocínio internacional, instalou-se um regime multipartidário moderado sob a liderança *pashtu* de Hamid Karzai. As liberdades civis foram restabelecidas no Afeganistão e o país martirizado iniciou um lento processo de reconstrução e de reconciliação. Ainda é cedo para avaliar os resultados disso (DEMANT, 2004, 642 p.).

2003: A “luta contra o terror” chega ao Iraque.

Segundo Peter Demant, o foco da perseguição mudou. “Em janeiro de 2002, o presidente Bush acusou a existência de um “eixo do Mal”, consistindo no Iraque, Irã e Coreia do Norte, que ameaçava a segurança dos EUA” (DEMANT, 2004, 642-43 p.). O foco é o Iraque de Saddam Hussein. Muitos foram os opositores, mas, isso não impediu que a Guerra acontecesse “Os protestos não desviaram a equipe de Bush de sua direção, tampouco os grupos terroristas. Os anos 2002-2003 exibiram uma verdadeira explosão de violência fundamentalista. Em abril de 2002, islamistas atacaram turistas alemães que visitavam a velha sinagoga na ilha tunisiana de Djerba, matando dezenove pessoas”

(DEMANT, 2004, 643-44 p.). A bola da vez é o Jama'a Islamiyya de Abu Bakr Bashir, uma espécie de subdivisão da al-Qaeda.

foi suspeita de causar duzentas mortes numa explosão provocada por islamistas em Bali, na Indonésia. No mesmo período, carros com explosivos mataram outras dezenas de pessoas em atos em Manila e Zamboanga, nas Filipinas. O grupo fundamentalista separatista Abu Sayyaf, em contato provável com a al-Qaeda, foi culpado pelos atentados.¹⁵ Em novembro de 2002, um ataque terrorista num hotel em Mombasa, Quênia, matou dezesseis turistas israelenses, alguns deles presumivelmente em busca de férias tropicais para escapar das intermináveis tensões e assassinatos em seu país. O episódio dos setecentos russos mantidos como reféns por rebeldes chechenos muçulmanos num teatro em Moscou aconteceu nos mesmos dias (DEMANT, 2004, 644 p.).

Um novo jogador se apresenta no campo de batalha – a ONU. Em 2002, o seu Conselho impede a invasão em prol do desarmamento do Iraque, por meio de voto. No ano seguinte as coisas mudaram, pois, uma crise Diplomática Internacional derruba o consenso do Conselho da ONU em relação ao Iraque, “o Conselho de Segurança não obteve o apoio do regime iraquiano às suas demandas, mas tampouco houve prova clara da existência de armas proibidas. Os EUA acusaram o Iraque de conluio com terroristas islamistas; a administração de Bush doravante insistiu numa mudança de regime” (DEMANT, 2004, 645 p.).

Houve uma oposição: França; Rússia; Inglaterra e os EUA. “Em março, uma invasão norte-americana-britânica-australiana, com apoio dos curdos, derrubou o regime ba'athista e ocupou o Iraque. Saddam Hussein desapareceu e, com ele, as armas proibidas que serviram de estopim” (DEMANT, 2004, 645 p.). A presença americana não foi celebrada, nem unanimidade. As reações foram plurais: “gratidão, horror nacionalista, desconfiança quanto aos motivos estadunidenses. Nessa conjuntura a identificação política da maioria xiita terá sem dúvida maior impacto” (DEMANT, 2004, 646 p.). Agora, depois de duas décadas os Xiitas puderam celebrar a Ashura. “No entanto, o vazio deixado pela queda do ditador fez surgir uma luta pelo poder na hierarquia xiita – e renova o debate entre a indiferença e o engajamento político, posturas que tradicionalmente se opõem no pensamento xiita” (DEMANT, 2004, 646 p.). Os Xiitas que eram a maioria não aderem uma ideia do Governo Teocrático. “Distinguem-se atualmente duas tendências opostas. Por um lado, a da “velha guarda” de clérigos moderados, que veem na cooperação com os EUA a garantia para reconstruir e democratizar um Iraque onde os xiitas – graças à sua preponderância demográfica – chegariam automaticamente ao poder” (DEMANT, 2004, 646-47 p.). O Mentor do grupo é o aiatolá Muhammad Baqr al-Hakim. Mas, havia oposição.

A outra ala são os jovens *mollahs* mais radicais que – ao invés dos moderados – chamam para um *jihād* contra os EUA e acreditam que existem precondições para estabelecer um governo islâmico nos moldes do Irã. A figura mais expressiva desta corrente é o prestigiado Muqtada al-Sadr (parente de Muhammad Baqr al-Sadr, vitimado por Saddam em 1980) cuja milícia, os *sadriyyin* do “Exército do Mahdi” ameaça patrulhar como polícia moral (DEMANT, 2004, 647 p.).

No meio desse bojo deve ser considerado: a luta de classes; oposições regionais e tribais. Os Xiitas não são um. Por ser maioria dominam: “facções religiosas, que dirigem centros de distribuição de remédios, alimentos, educação etc. – além de controlar seus próprios serviços de segurança. Os mais radicais têm sua base entre a juventude excluída das favelas de Bagdá” (DEMANT, 2004, 648 p.).

A segurança pública passa a ser o centro das questões Xiitas Iraquianas. “Como no caso do Afeganistão, também aqui é cedo para avaliar as reações da população iraquiana à sua libertação não solicitada e as chances de erigir uma democracia de molde ocidental imposta de fora” (DEMANT, 2004, 648 p.). Todavia, é indiscutível a radicalização do Mundo Mulçumano.

Coda: pensadores modernistas islâmicos.

Segundo Peter Demant, atualmente no interior do Mundo Mulçumano. Nasceu um Movimento Reformista Islâmico Modernizador: “que não busca o “choque das civilizações” mas a harmonização da fé com o mundo moderno. O reformismo²⁶ islâmico, ao contrário das soluções secularistas, tenta basear islamicamente a integração do islã na modernidade” (DEMANT, 2004, 650 p.). Essa ideologia ela navega entre a: “terceira via entre o islamismo totalitário e a ocidentalização” (DEMANT, 2004, 650 p.). Entretanto, essa ideologia mais tolerante, e menos arbitraria. Tem pouco impacto, o seu alcance.

Ambas as ideologias tem a mesma matriz: o Reformismo e o Fundamentalismo. Vem de Afghani e Abdu. “Ambos rejeitavam as “superstições” do islã popular e optavam por uma versão normativa (...) do “alto” islã, ou seja, das fontes escritas em vez da

²⁶ “movimento que visa a melhorar e a aperfeiçoar, talvez até radicalmente, mas nunca a destruir, o ordenamento existente, pois considera valores absolutos da civilização os princípios em que ele se baseia, mesmo que sejam numerosas e ásperas as críticas que, em situações particulares, se possa dirigir ao modo concreto como tais princípios se traduzem na prática. É por isso que em seu seio predominam naturalmente os defensores da via gradual e pacífica, uma vez que a violência poderia certamente comprometer os valores fundamentais; mas não falta, aliás, quem, em certas contingências históricas, invoque o uso da violência, quer para impedir que tais valores se desenvolvam plenamente, quer para obstar a que sejam sufocados” (BOBBIO MATTEUCCI, PASQUINO, 1998, 1077 p.)

tradição viva. A esperança tanto dos fundamentalistas quanto dos modernistas era e é revitalizar um islã impotente frente às “invasões” do Ocidente” (DEMANT, 2004, 651 p.). Essas ideias tiveram motivações oriundas de traumas de choque com a Modernidade. Os Islamistas são nostálgicos; são holísticos; contém a doutrina dos três *d*: *din* a fé, *dawla* o governo e *dunya* os costumes. É o viver a fé em sua totalidade. Os Reformistas conciliadores das ideologias. “Os reformistas, por outro lado, tentam conciliar islã e modernidade. Suas análises e prescrições variam (e nem sempre são suficientemente claras): os mais radicais migram para o secularismo. Todos os reformistas, porém, recusam a assimilação, característica do islã político, da “*din = dawla*”, ou seja, a sobreposição de religião e política” (DEMANT, 2004, 651-52 p.). A ideia de Modernização tem a sua origem na década de 1920, isso gera também uma contra ideologia como o Fundamentalismo de Ridda. “É digno de nota que embora tanto fundamentalistas quanto modernistas criticassem os tradicionalistas, o liberalismo dos modernistas os coloca quase inevitavelmente num confronto com os ulemás; fundamentalistas e tradicionalistas, por outro lado, compartilham um terreno mais amplo, facilitando certas acomodações” (DEMANT, 2004, 653 p.).

Abd al-Raziq tem como referência ideológica Abdu. Todavia, também se tornou um paradigma para os futuros Intelectuais Modernistas do Mundo Árabe. Uma das vertentes do Reformismo Modernista da Atualidade, já busca a ideia de um Estado Laico. “Deus quis o islã como religião, mas certas pessoas o quiseram como política” (DEMANT, 2004, 655 p.). Outra variabilidade do Reformismo Modernista da Atualidade é o Histórico-Sagrado de fontes.

A implicação de tal continuidade é a secularização da entidade política de Medina, modelo inviolável para os islamistas, e a abertura para uma secularização da sociedade muçulmana. Para Muhammad Sa'id al-Ashmawi, muitas das leis da *xaria* eram determinadas pelas condições contingentes de épocas passadas e não têm valor eterno: as punições previstas no Alcorão resultam de um conceito de justiça elaborado por ulemás colaboracionistas com os déspotas da história muçulmana e a geração atual não está comprometida com elas. Abre-se, então, um espaço para uma nova legislação – inclusive na esfera constitucional (DEMANT, 2004, 655 p.).

Outra visão do Reformismo Modernista da Atualidade é o Islã-Ético: “o islã como fonte de inspiração de um comportamento ético na vida pública, mas não como imposição” (DEMANT, 2004, 656 p.). Um Islã Cultural, segundo Hussein Ahmad Amin. O último prisma ideológico é o Reformismo Pós-Moderno, e seus principais Intelectuais são: Nasser Hamed Abu Zeid; Muhammad Shahrur; e o grande destaque Mohammad Arkoun. Essa Corrente Ideológica.

propõe uma releitura do Alcorão e dos *hadiths* com base na linguística e semiologia contemporâneas. Se a própria língua árabe muda de sentido no decorrer dos séculos, então toda a xaria, baseada na imutabilidade dos sentidos, está corrompida. A consequência é que muçulmanos terão que diferenciar a mensagem divina e eterna do livro, humanamente recebido e historicamente datado (DEMANT, 2004, 657 p.).

Segundo Peter Demant, Mohammad Arkoun bebe ideologicamente de: Derrida Paul-Michael Foucault. É o Pai do Estruturalismo Islâmico. “O objetivo, portanto, não pode ser o estabelecimento de um Estado islâmico, mas uma democracia que permitiria resgatar a autenticidade cultural das tradições populares e a liberdade intelectual – a fim de transcender o hiato existente entre a “razão islâmica” e o pensamento filosófico” (DEMANT, 2004, 658 p.).

Em suma, podemos perceber o quanto é complexo o conceito de Fundamentalismo, e o quanto de ideologia ele bebe de outras. Por isso nos sentimos mais realizados em nos apoiar em Filosofia com Abbagnano e Ciência Política com o Norberto Bobbio. E conseguimos entender que o Fundamentalismo, ideologicamente nasceu de um trauma, de uma má experiência um egípcio no EUA. O Fundamentalismo é um conjunto de idéias políticas e religiosas. O Fundamentalismo acabou abraçando outras religiões não ficou somente no Islã. Foi algo que o grupo só descobriu com a leitura do texto, pois até então o que tínhamos de noção é que o Fundamentalismo se localizava somente entre os Islamistas Radicais. E foi entendido errado, e que o conceito às vezes é interpretado de forma errada. Não é atoa que os Conceitos sobre o Oriente não são bem esclarecidos, e as pessoas comuns não tem a oportunidades de saber o que descobrimos. E com certeza quando vimos que o Fundamentalismo chegou até o Cristianismo, por exemplo, isso acaba nos fazendo sentir culpados, e desapontados. Mas, o arrastar da Onda Ideológica do Fundamentalismo chegou ao: judaísmo; hinduísmo; sikhismo; no budismo e no islã.

O Fundamentalismo teve três Ondas, totalmente díspares. O Fundamentalismo só nasceu, devido o desarranjo social. NA década de 1950 o Fundamentalismo é apenas uma ideologia, Sayyid Qutb sofreu uma forte influência de Abu-al-Ala Mawdudi. O Islã seria uma religião para o mundo. A Primeira Onda, ainda no Oriente Médio é marcada por um contexto de Ditadura. E Segunda Onda, o divisor águas para o mundo ver é a Revolução Iraniana, e o seu impacto para o Mundo. A terceira Onda é um choque ideológico dos Islamistas contra o Islã.

Bibliografia:

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 1026 p.

BOBBIO, Norberto, 1909. *A teoria das formas de governo*. Tradução de: Sérgio Bath, 9ª edição. Brasileira: Editora Universidade de Brasília, 1997, 183p.

BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política I*. ; tradução: Carmen C, Varriale et ai. Coordenador de tradução: João Ferreira; rev. geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacais. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1ª ed., 1998. Vol. 1: 674 p.

COHN-SHERBOCK, Dan, EL-ALAMI, Dawoud. *O Conflito Israel Palestina: para entender...* Tradução: Claudio Blanc Morais. São Paulo: Editora: Palíndromo, 2005.

DEMANT, Peter Robert. *O Mundo Muçumano*. Revisão: Edna Adorno, Luciana Salgado e Texto & Arte Serviços Editoriais. 3. ed. – São Paulo: Contexto, 2013.

HEYWWOD, Andrew. *Ideologias Políticas, [v.1]: do Liberalismo ao Fascismo*. Tradução: Janaína Marco Antonio, Mariane Janikian. 1ª Ed. 1ª impressão. São Paulo: Ática, 2010.

HOBBSAWN, Eric J. *Era dos Impérios*. Tradução: Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo; revisão: Maria Celia Paoli. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOURANI, Albert Habib. *Uma história dos povos árabes*. Tradução: Marcos Santarrita. – São Paulo. Companhia das Letras, 1994.

SILVA, Kalina Vanderlei, SILVA, Maciel Henrique – 2. ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2009.

MAZUI, Ali A., WODJI, Christopher. *História Geral da África VIII: África desde 1935*. Tradução: Luís Hernan de Almeida Prado Mendoza. Brasília: UNESCO, 2010.

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. *Segunda Guerra Mundial: história e relações internacionais, 1931-45*. 3ª edição – Porto Alegre: edição de Universidade /UFRGS. 1989.